

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

SÉRGIO RICARDO MORAIS DE ARAÚJO FRANÇA

**UM CANGACEIRO DE UMBURANAS
Representações sobre Zezé Patriota (1920-1927)**

RECIFE – PE

2021

SÉRGIO RICARDO MORAIS DE ARAÚJO FRANÇA

UM CANGACEIRO DE UMBURANAS: representações sobre Zezé Patriota (1920-1927)

Relatório técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral

F814c França, Sérgio Ricardo Morais de Araújo.
Um Cangaceiro de Umburanas: representações sobre
Zezé Patriota (1920-1927) / Sérgio Ricardo Morais de
Araújo França. Recife: FASA, 2021.
93 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2021.

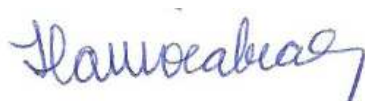
1. Cangaceiros - Brasil, Nordeste. 2. Zezé Patriota.
3. Bandidos e salteadores. I Título.

CDU 301:343.712

Ana Figueiredo - CRB 4/1140

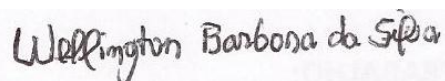
SÉRGIO RICARDO MORAIS DE ARAÚJO FRANÇA

UM CANGACEIRO DE UMBURANAS: representações sobre Zezé Patriota (1920-1927)



Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral - UNICAP

Orientador



Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva – UFRPE



Prof. Dr. Tiago da Silva César - UNICAP

Recife, 14 de maio de 2021.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, aos meus queridos pais, Tiago e Iracy, e à minha irmã, Celiane (*in memorian*). À minha esposa Luci, pela parceria de todas as horas, e aos meus filhos, Malu, Tiago e Pedro. **O amor é revolucionário!**

Aos meus familiares, em especial, a Pedrinho, Alberto e Alcíndio Ribeiro pelo acolhimento em sua casa em Itapetim e o apoio nas viagens pelo Pajeú. Aos meus irmãos Ivan, Evaldo, Josenildo e Paulo César Araújo que, mesmo despretensiosamente, auxiliaram-me na pesquisa, adentrando a caatinga até a cruz do cangaceiro.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco que tive a felicidade de conhecer e dividir momentos de aprendizado: a Prof.^a Dr.^a Lídia Rafaela Nascimento dos Santos e os Profs. Drs. Hélder Remígio de Amorim, Paulo Henrique Fontes Cadena, Juliano Mendonça Domingues da Silva e, em especial ao Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral, meu orientador, por toda a competência e experiência transmitidas com serenidade e segurança. Em especial também aos Profs. Drs. Tiago da Silva César e Wellington Barbosa da Silva (UFRPE) por integrarem a banca examinadora e suas valiosas contribuições a partir da Banca de Qualificação.

Aos colegas da Turma 3 do PPGH-UNICAP, pela partilha espontânea de conhecimentos, em especial aos mestrandos servidores do Tribunal de Justiça de Pernambuco, colegas de trabalho, e também aos mestrandos Tiago, Daniela, Flávia, Isabel, Anderson e Saulo, pela cumplicidade durante as aulas e nas “horas vagas”, nas horas da sopa ou da cerveja.

Ao Povo da cidade de Itapetim, em especial, ao professor Vicente de Paula Ferreira Leite, Jonathas Januário da Rocha e Jonas Januário da Rocha (*in memorian*) pelas entrevistas concedidas. Ao sociólogo e pesquisador do CPDOC-Pajeú, Hesdras Souto, bem como ao cineasta Jefferson Ferreira e a seu pai, o fotógrafo Bernardo Ferreira (Bisaco do Doido), pela generosidade nas informações. Aos historiadores e amigos Cristiano Soares e Walter Ferreira, que me incentivaram e me orientaram durante os passos iniciais para ingressar no Mestrado e, por fim, ao Sr. Valdizar Lima que, por meio de um vídeo no *Youtube*, apresentou-me sem saber o cangaceiro Zezé Patriota. GRATIDÃO!

RESUMO

A região do Brasil conhecida como Nordeste vivenciou, principalmente entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, o fenômeno do Cangaço, espécie de banditismo praticado por vários grupos de homens armados, cujas lideranças vêm cada vez mais se revelando por meio da produção do saber histórico. O presente trabalho pretendeu analisar as representações acerca da atuação do cangaceiro Zezé Patriota, um dos chefes de bando que percorreram o Sertão do Pajeú, em Pernambuco, na segunda década do século XX. Tendo por escopo teórico o conceito de representação de Roger Chartier (2002), priorizamos as fontes escritas, tais como jornais, revistas, relatórios e correspondências, além de textos e vídeos encontrados em *sites*, *blogs* e redes sociais. Em consequência, produzimos uma cartilha com fins paradidáticos para o ensino de História, tendo como público-alvo estudantes do nono ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Cangaço, Sertão do Pajeú, Zezé Patriota, Representações.

ABSTRACT

The region of Brazil known as the Northeast experienced, especially between the second half of the nineteenth century and the first decades of the twentieth, the phenomenon of the Cangaço, a kind of banditry practiced by several groups of armed men, whose leaderships have been increasingly revealed through the production of historical knowledge. The present work intended to analyze the representations about the performance of the bandit Zezé Patriota, one of the leaders of the gang that traveled through the Pajeú Hinterland, in Pernambuco, in the second decade of the twentieth century. Taking Roger Chartier's (2002) concept of representation as our theoretical scope, we prioritized written sources, such as newspapers, magazines, reports and correspondence, as well as texts and videos found on websites, blogs and social networks. As a result, we produced a booklet with paradidactic purposes for the teaching of history, having as target audience ninth grade students.

Keywords: Cangaço, Pajeú Hinterland, Zezé Patriota, Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área urbana de Itapetim (Década de 1970)	14
Figura 2 – Mapa das veredas do Povoado de Umburanas.....	14
Figura 3 - Nordeste brasileiro, 1928. Limite da área de operação dos cangaceiros.....	16
Figura 4 – Cangaceiro Antão Godê e membros do seu bando.....	20
Figura 5 – Telegrama sobre Manoel Rodrigues em São José do Egito.....	21
Figura 6 – Cangaceiro Manoel Rodrigues.....	22
Figura 7 - Antiga casa da Família Patriota.....	24
Figura 8 - Cruz fixada no local de morte de Zezé Patriota.....	24
Figura 9 – Volante do então Sargento José Alencar de Carvalho Pires, 1922.....	28
Figura 10 - Mapa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, em 1923.....	31
Figura 11 – Telegrama comunicando a morte de Zezé Patriota.....	33
Figura 12 – publicação de telegrama no jornal A Província	34
Figura 13 - Tenente José Alencar de Carvalho.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. VEREDAS SERTANEJAS DE UMBURANAS	11
1.2. EXPERIÊNCIAS DE BANDITISMO NO ALTO PAJEÚ.....	15
1.3. O CANGACEIRO ZEZÉ PATRIOTA.....	24
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	39
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	55
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	55
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	57
7.1. PERIÓDICOS.....	57
7.2. ICONOGRAFIA.....	59
7.3. SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS.....	60
7.4. BIBLIOGRAFIA.....	61
8. APÊNDICES.....	65

1. INTRODUÇÃO:

Seguindo nossas raízes do sertão de Pernambuco, a temática eleita nos remete a uma memória afetiva, ao lembrar das ações de cangaceiros contadas por nossos familiares mais velhos. Outra lembrança que serviu de subsídio para a escolha do tema veio de um estudo da obra *Cangaceiros e Fanáticos (1963)*, de Rui Facó, realizado na graduação em História, início dos anos 1990. Para esse autor, o cangaço, espécie de banditismo praticado na região Nordeste do Brasil entre o fim do século XIX até meados do XX, consistiu em uma manifestação de reação à injusta estrutura social vigente no país, e que essa era consequência direta do latifúndio improdutivo, da miséria, da ignorância e da exploração do homem pelo homem, em suas diversas formas (FACÓ, 1988, p. 16). Diante dessas memórias, optamos por pesquisar o cangaço que, apesar da vasta produção historiográfica sobre o tema, longe se encontra de exaurimento como objeto de estudo.

Em algumas consultas na *Internet*, chegou ao nosso conhecimento a existência de um cangaceiro do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, uma região limítrofe com o Estado da Paraíba, que se chamou José Patriota, mais conhecido pela alcunha de Zezé Patriota. Particularmente, nos motivou também a coincidência desse personagem ter nascido e morrido na comunidade do Sítio Mocambo, zona rural da cidade de Itapetim, que é o berço de minha família paterna. Outro importante estímulo à pesquisa se deu a partir da leitura de uma notícia¹ sobre a visita de estudantes de uma escola pública do referido município ao Museu do Cangaço, na cidade de Serra Talhada-PE, que foi publicada em 18 de setembro de 2017 no *site* da Prefeitura de Itapetim e que traz imagens de estudantes dispostos em conhecer mais sobre o passado de sua terra.

Ressaltamos que, de acordo com as fontes pesquisadas, foram encontradas referências acerca do cangaceiro pelo seu nome próprio, mas também pela alcunha de Zezé Patriota. Nos jornais pesquisados, prevalece o nome próprio, porém quando se trata de depoimentos ou notícias da Internet, aparece mais a alcunha de Zezé Patriota. Um registro importante nesse trabalho é a cruz fixada no local de morte do cangaceiro, onde consta uma placa de alumínio trazendo a seguinte expressão: “Zezé Patriota – 01/05/1896 + 30/08/1927”, referindo-se as

¹ Jovens itapetineses visitam o Museu do Cangaço em Serra Talhada. Disponível em: <http://itapetim.pe.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2019.

datas de seu nascimento e seu óbito. Nesse sentido, optamos por utilizar nesse trabalho a alcunha de Zezé Patriota, tendo em vista que essa cruz parece ser uma das principais referências a respeito de nosso personagem.

A pesquisa foi realizada a partir de suas representações, por meio dos relatos encontrados em periódicos, correspondências oficiais e conteúdos coletados na *Internet*, visando compreender melhor a personagem e sua atuação no banditismo, assim pretendendo uma ampliação acerca do debate sobre a história local, na esteira do que bem afirmou Raphael Samuel (1990), “as pessoas estão continuamente colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados”.(SAMUEL, 1990, p. 219-243).

O nosso recorte temporal vai de 1920 a 1927, correspondendo aos últimos anos de atuação de Zezé Patriota, que findou com o advento da sua morte. Esse período está compreendido no que alguns historiadores classificaram como cangaço epidêmico (1890-1940), em razão do crescimento exponencial do número de bandos de cangaceiros em atuação. A esse respeito, segundo Luiz Bernardo Pericás (2010, posição 129)², agiam entre o agreste e o sertão nordestinos cerca de 54 bandos de cangaceiros, podendo ser ainda maior esse número, bem como ainda mais abrangente a área de atuação desses grupos.

Algumas características do banditismo ocorrido em outras regiões do Brasil, assim como no Sertão do Pajeú pernambucano, serão abordadas em relação à prática do Cangaço. Por exemplo, a utilização das regiões fronteiriças pelos cangaceiros como ponto de fuga é uma dessas práticas que, segundo a historiografia, vai ser observada em várias regiões do Mundo. Esses aspectos serão também abordados ao tratar da atuação de Zezé Patriota, os quais foram recorrentemente noticiados em jornais.

Destacamos também, desde já, que não tratamos aqui de um julgamento acerca da prática do Cangaço, na clássica dicotomia de herói *versus* bandido. Algumas obras expõem seu ponto de vista a respeito das condutas dos cangaceiros, ora apresentando a figura de verdadeiros heróis ou justiceiros, ora na perspectiva negativa, atribuindo-os a pecha de meros bandidos. Aqui, no entanto, entendemos não caber rotular a personagem como herói ou como

² Como a obra é em formato e-book (não paginado), utilizamos o termo *posição* em substituição localizável no *e-reader Kindle modelo Paperwhite*.

vilão, muito menos um mito, considerando que não é ofício do historiador a prática do julgamento, na linha do que, segundo Marc Bloch (2001), como qualquer outro cientista, o historiador deve registrar, ou em outro dizer, provocar o experimento de seu estudo, o que poderá causar a inversão de “suas mais caras teorias”. (BLOCH, 2001, p. 125).

Organizamos essa introdução a partir de três eixos: no primeiro, apresentamos uma contextualização do ambiente do início do século XX, ressaltando as características naturais e sociais da região, objetivando compreender sobre as condições de vida das populações sertanejas daquele período, observando em que contexto se deu o surgimento de cangaceiros naquela região. O segundo eixo apresenta alguns aspectos do fenômeno do cangaço das primeiras décadas do século XX, num período de recrudescimento, o que levou autores a classificar como cangaço epidêmico, destacando a existência de salteadores daquela microrregião, tais como as figuras de Adolfo Meia-noite, Antão Godê e Manoel Rodrigues, para chegar na pessoa de Zezé Patriota, nosso objeto central de estudo. Um exemplo de coronelismo, na pessoa do Coronel Francisco Miguel de Siqueira, será abordado, tendo em vista sua relação com o cangaço. Por derradeiro, analisaremos as representações acerca do cangaceiro Zezé Patriota, utilizando fontes escritas, tais como jornais, revistas, livros e correspondências oficiais, além de outras informações encontradas em vídeos, blogs e redes sociais. Ademais, utilizamos como fonte também alguns relatos de moradores locais, que deram uma válida contribuição para a nossa narrativa.

Destacamos que, fundado no resultado de nossa pesquisa, elaboramos uma cartilha com fins paradidáticos, tendo como público-alvo estudantes do 9º ano do ensino fundamental, apresentando textos, imagens e outras representações, a exemplo da poesia popular, tão presente naquela área do Sertão do Pajeú pernambucano.

1.1. VEREDAS SERTANEJAS DE UMBURANAS

A região Nordeste do Brasil, não diferente de outra área geográfica qualquer, apresenta diversas realidades e múltiplas características, não podendo ser pensada como um espaço homogêneo, como se todos os seus estados ou suas microrregiões apresentassem os mesmos aspectos e seus habitantes compartilhassem da mesma cultura. Para Manuel Correia de Andrade, em sua obra *A Terra e o Homem do Nordeste* (1963), essa diversidade é

resultado da influência de vários fatores “entre os quais, sobressaem-se os domínios físicos – estrutura geológica, relevo, clima e hidrografia -, o meio biológico – vegetação e fauna – e a organização dada ao espaço pelo homem.” (ANDRADE, 1986, p. 24). Para compreender essa multiplicidade de aspectos, as análises realizadas por esse autor sobre as microrregiões nordestinas são imprescindíveis para podermos pensar sobre os muitos *nordestes* que existem em cada um desses espaços:

Distinguir-se desde o tempo colonial a “Zona da Mata”, com o seu clima quente e úmido e duas estações bem definidas – uma chuvosa e outra seca - do Sertão, também quente, porém, seco, e não só seco, como sujeito, desde a época colonial, a secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração. Entre uma área e outra se firma uma área de transição, com trechos quase tão úmidos como o da Mata e outros secos como o do Sertão, alternando-se constantemente e à pequena distância, que o povo chamou de Agreste. Daí dessa diversidade climática surgiria a dualidade consagrada pelos nordestinos e expressa no período colonial em dois sistemas de exploração agrária diversos, que se complementam economicamente, mas que política e socialmente se contrapõem: o Nordeste da cana-de-açúcar e o Nordeste do gado, observando-se entre um e outro, hoje, o Nordeste da pequena propriedade e da policultura e, ao Oeste, o Meio-Norte, ainda extrativista e pecuarista. (ANDRADE, 1986, p. 25).

Dentre os entes federativos que compõem o Nordeste, o estado de Pernambuco³ está localizado no centro-leste da região, tendo grande parte de sua área inserida no chamado semiárido. Por sua vez, neste encontra-se inserida a microrregião do Pajeú, mais comumente conhecida como Sertão do Pajeú⁴, que ocupa 8,94% do território de Pernambuco, que divisa com diversos municípios do próprio estado e, ao Norte, com o estado da Paraíba.

A realidade social dessa área geográfica é fortemente influenciada por seu clima⁵. Conforme Tiago Gonçalves e Raimundo Bertino (2018), os índices pluviométricos médios anuais dessa microrregião, diferentemente de outras áreas geográficas do estado, ficam em torno de 550 a 650 mm de chuva. Porém, o déficit anual pode chegar a 1.450 mm, vez que a

³ O estado de Pernambuco ocupa uma área de 98.067,881 Km², dividida em 185 municípios distribuídos em cinco mesorregiões: Agreste Pernambucano, Metropolitana do Recife, São Francisco Pernambucano, Sertão Pernambucano e Zona da Mata Pernambucana. Por sua vez, essas mesorregiões se subdividem em 18 microrregiões, incluindo aí a Microrregião do Pajeú, que pertence à mesorregião do Sertão Pernambucano. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe.html. Acesso em: 19 jan. 2021.

⁴ O Sertão do Pajeú é composto por 17 municípios: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Igaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. Sua população corresponde, segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, a 3,58% do estado de Pernambuco.

⁵ Apresentando um clima quente e seco, suas temperaturas médias anuais são de 25° C – variando conforme a estação – e com baixa amplitude térmica anual, menos que 5°C, sendo uma característica das regiões de baixa latitude. Duas estações definem bem o seu período de chuvas: uma seca, que estende aos meses correspondentes ao inverno e à primavera, e uma chuvosa, que compreende os meses de verão e de outono. (ANDRADE, 1986, p. 25).

evaporação na região pode atingir 2.000 mm por ano, o que põe em risco os sistemas produtivos locais e, conseqüentemente, compromete a segurança alimentar e hídrica das famílias residentes no Sertão do Pajeú (GONÇALVES; BERTINO, 2018, p. 31).

Nesse cenário, o homem sertanejo convive com uma dura realidade e, conforme ressalta Andrade (1986):

[...] o sertanejo, previdente, guarda para os meses do estio parte dos alimentos que adquire durante a estação chuvosa e recorre como alimentação suplementar para o gado ao restolho das culturas do milho e do algodão, sobretudo, assim como utiliza também as cactáceas nativas – o mandacaru, o facheiro, o xiquexique e a macambira, na alimentação de animais. [...] O sertanejo está sempre preocupado com a possibilidade de uma seca, já que desde os tempos coloniais ela se vem repetindo, com maior ou menor intensidade, mas com periodicidade impressionante. (ANDRADE, 1986, p. 45).

Nossa narrativa tem como cenário principal a cidade de São José do Egito, localizada na chamada Microrregião Homogênea Meridional do Pajeú, mais conhecida como Alto Pajeú. Em nosso recorte temporal, algumas características da cidade foram descritas em um artigo publicado em periódico no ano de 1926.

De acordo com o texto analisado, o município encontrava-se praticamente “encravado” no território do Estado da Paraíba, e, do lado pernambucano, configurava-se como uma “península”, ligada ao município de Afogados da Ingazeira, através de um “istmo”. Os limites naturais do município com o estado da Paraíba “descrevem uma semicircunferência quase regular”, de sorte que seus limites eram com as cidades de Teixeira, Taperoá e “Alagoa do Monteiro” (atual Monteiro-PB). Esses limites com a Paraíba são determinados pela elevação da Serra da Borborema, e São José do Egito, junto com o município de Afogados da Ingazeira, encontram-se situados em um planalto influenciado por essa elevação. (REVISTA DE PERNAMBUCO, 1926, p. 52).

No aspecto socioeconômico, a cidade destacava-se como uma das mais importantes do Sertão do Pajeú, cuja população era de 15.666 habitantes. A atividade agrícola local apresentava uma produção em larga escala de produtos como milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar e algodão. (REVISTA DE PERNAMBUCO, 1925, p. 9).

Já o município de Itapetim (Fig. 1), onde está situado o Sítio Mocambo, denominava-se São Pedro das Lajes, ou Povoado de Umburanas⁶, e administrativamente pertencia como distrito ao município de São José do Egito. O povoado ganhava destaque pelo seu desenvolvimento econômico. Segundo Marcos Roberto Nunes da Costa (2007), a povoação da localidade dedicava-se principalmente à agricultura de subsistência mas, com o passar do tempo, também passou a abastecer regiões vizinhas. O algodão era o principal cultivo que proporcionou na localidade o surgimento de uma pequena indústria e comércio, formando-se uma pequena burguesia. (COSTA, 2007, p. 115).

As pessoas que formaram o povoado migraram de regiões vizinhas, principalmente do Estado da Paraíba, através das grandes estradas e também de “outros caminhos menores – veredas” (Fig. 2) que cruzavam o local, ligando os recantos mais distantes onde se encontravam os currais, auxiliando no escoamento do gado que vinha dos Cariris Paraibanos até o litoral, e uma dessas veredas ligava a Povoação de Desterro-PB ao núcleo urbano de São Pedro das Lajes, passando pelo Sítio Mocambo. Com o tempo, essas correntes migratórias fixaram residência no lugar, dando origem às famílias tradicionais, tais como as famílias “Nunes da Costa, Batista, Patriota, Rangel, Guedes, Piancó, Amorim, Tavares, Pereira, Leite, Ferreira, Santos, Vieira, Almeida etc.” (COSTA, 2007, p. 36-37).

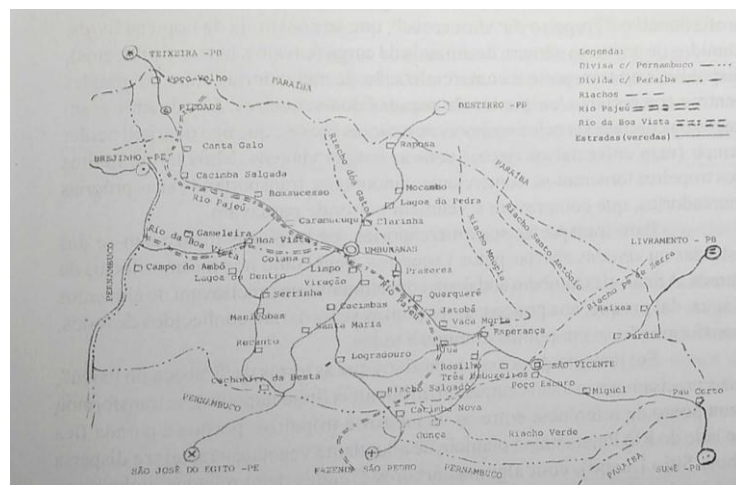
Figura 1 - Área urbana de Itapetim, década de 1970.

⁶ A denominação **Umburanas** se refere a um ponto de parada para troca de mercadorias, numa planície de abundante vegetação rasteira e dispersa com algumas grandes árvores chamadas umburanas, que serviam de sombra para vaqueiros e tropeiros, além de um lajedo grande com alguns tanques naturais que armazenavam água da chuva para o consumo humano. (COSTA, 2007, p.38). **Umburana** é o nome de uma árvore nativa da caatinga, cujas folhas e sementes são largamente exploradas para uso medicinal. Sua madeira é utilizada para a produção de móveis, barris para envelhecer cachaça, assim como a arte da xilogravura (SILVA, M.R., 2015, p. 96) e escultura em madeira. Devido ao uso indiscriminado, algumas espécies de umburana correm sério risco de extinção. (DRUMOND; KIILL; RIBASKI; AIDAR, 2016, p. 32).



Fonte: Arquivo Pessoal: Benones/ Vanda/ Bernardo Ferreira.

Figura 2 – Mapa das veredas do Povoado de Umburanas



Fonte: Costa (2007, p. 37).

1.2. EXPERIÊNCIAS DE BANDITISMO NO ALTO PAJEÚ.

Diversos são os relatos de banditismo na região Nordeste do país, antes mesmo do fenômeno do cangaço ganhar proporções maiores, tal qual uma epidemia. Já na segunda metade do século XVII, soldados holandeses ou bandeirantes paulistas abandonavam suas missões no Sertão nordestino para formar bandos de salteadores que “não conheciam Rei, nem Justiça” (PERICÁS, 2010, posição 117). No século XVIII, destaca-se a figura de José

Gomes (1751-1776), bandoleiro pernambucano conhecido como o *Cabeleira*, cuja história foi registrada no livro homônimo do jornalista Franklin Távora, lançado em 1876.

No século XIX, constata-se a existência de vários salteadores como, por exemplo, o baiano Lucas Evangelista dos Santos, o *Lucas da Feira* (1804-1849), além do potiguar Jesuíno Alves de Melo Calado, o *Jesuíno Brillhante* (1844-1879) e, ainda, o pernambucano Manoel Batista de Moraes, conhecido como *Antônio Silvino* (1875-1944), cuja atuação perdurou até sua prisão no ano de 1914.

Vale ressaltar, entretanto, que essas experiências de banditismo não podem ser classificadas como o cangaço propriamente dito, porque, apesar, de algumas características similares, ocorriam de forma pontual e restrita. Ademais, não existia “uma organicidade nem algo próximo a uma cultura disseminada desse tipo de criminalidade”; não se conhecia uma “imagem” definida do ator “cangaceiro” como figura emblemática e representativa do Sertão nordestino (PERICÁS, 2010, posições 122-123). Somente nas primeiras décadas do século XX que os padrões de comportamento do cangaço apresentaram mudanças significativas em relação a décadas anteriores, uma vez que:

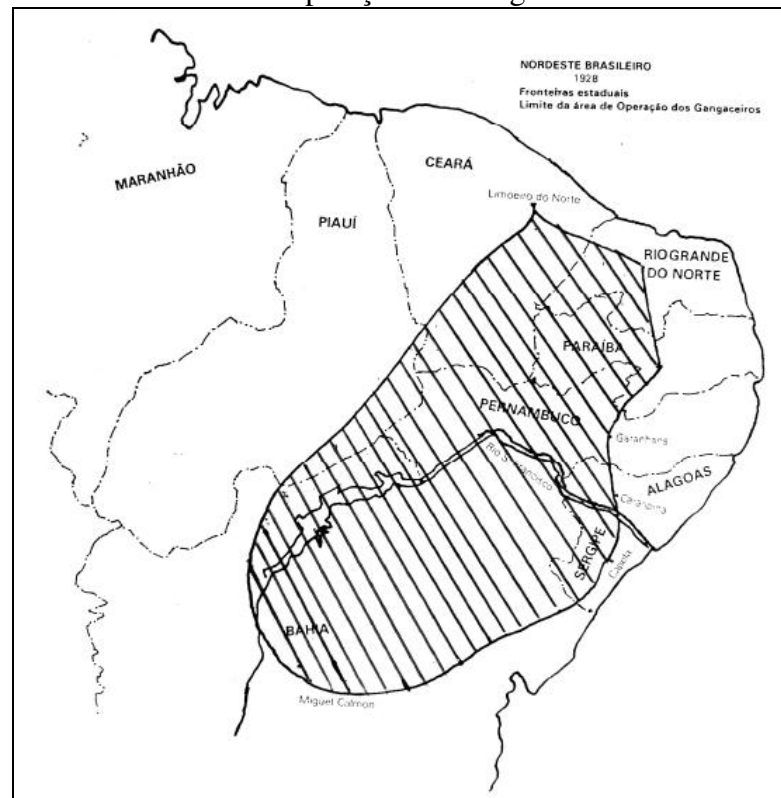
[...] a intenção final era construir uma forma de viver (e sobreviver) profissionalmente do cangaço. A ferocidade dos marginais, no período lampiônico, foi muito superior à apresentada no período anterior. As torturas e os assassinatos com requintes de crueldade se tornaram mais comuns e disseminados. (PERICÁS, 2010, posição 131).

Em seu trabalho sobre banditismo ocorrido em várias regiões do planeta, Eric Hobsbawm (2010) afirmou que esse fenômeno “tendia a tornar-se epidêmico em épocas de pauperismo ou de crise econômica”. (HOBSBAWM, 2010, p. 42). Ele vinculou o período do cangaço epidêmico à ocorrência de duas grandes secas no Nordeste do Brasil: a seca de 1877-1878, a qual marcaria o início do período, e a seca de 1919, que veio a marcar o apogeu do cangaço. Sustentou também que,

Foi a Primeira República (1889-1930) que produziu, pelo menos nos áridos sertões do Nordeste, as condições sociais e políticas propícias ao banditismo epidêmico: isto é, transformou os grupos de jagunços armados, que estavam ligados a determinados territórios e famílias da elite, em bandoleiros independentes que vagavam por uma região de cerca de 100.000 quilômetros quadrados que compreendia terras de quatro ou cinco estados. (HOBSBAWM, 2010, p. 190-191)

Para Facó (1988), esse período foi a “última fase da guerra civil nordestina”, quando percorria os sertões do Nordeste do Brasil cerca de milhares de cangaceiros, pois “a multiplicação desses grupos era uma demonstração de que os insubmissos começavam a fugir ao controle dos antigos potentados do interior.” (FACÓ, 1988, p. 191-193). De acordo com o mapa a seguir (Fig. 3), o limite da área de operação dos cangaceiros compreendia quase a totalidade do território nordestino.

Figura 3 - Nordeste brasileiro, 1928.
Área de operação dos cangaceiros.



Fonte: Oliveira (2011, p. 41).

Para os diversos grupos de cangaceiros, os limites territoriais eram praticamente inexistentes. Segundo o historiador Wellington Barbosa da Silva (2019):

o raio de ação desses grupos de salteadores era muito amplo, eles se movimentavam em um território cujas fronteiras eram moveáveis: quando eles eram acossados pela força pública de Pernambuco, por exemplo, buscavam refúgio nas comarcas fronteiriças do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. E vice-versa. (SILVA, W., 2019, p. 170).

No que se refere à área do sertão conhecido por Alto Pajeú, região limítrofe entre os estados de Pernambuco e Paraíba, em período anterior ao cangaço epidêmico, vamos

encontrar alguns relatos acerca de salteadores daquela região e também de *coronéis-coiteiros*, que costumavam auxiliar-se mutuamente.

Em suas memórias sobre a cidade de Afogados da Ingazeira, Fernando Pires (2004) vai mencionar a figura do Coronel Francisco Miguel de Siqueira, um personagem que exerceu forte influência na formação das cidades da região do Pajeú. Segundo esse autor:

É pena não ter ficado ali a sede da freguesia. Não só era central, como também [...] magnificamente situada em beira do rio, com terrenos excelentes, extensos, próprios para a agricultura, levemente ondulados, e, em redor, numa extensão de cinco léguas, matas vivas, ricas em pastagens, próprias para a criação do gado. A Providência preparara este lugar para a habitação dos homens. [...] Porém, o dono só queria criar, não queria que se edificassem casas. Era esse o cel. Francisco Miguel de Siqueira, genro de Agostinho Nogueira de Carvalho, descendente da família que os índios Cariri mataram, ficando só as duas moças de São Pedro. Ele e os homens dele (sustentava cangaceiros) tornaram o lugar inóspito[...] (PIRES, 2004, p. 31-33, *apud* VASCONCELOS, 2014, p. 143-144).

Os jornais publicados no período de formação daqueles municípios, últimos anos do século XIX e início do XX, evidenciam a forte influência exercida pelo referido Coronel Francisco Miguel de Siqueira. Um dos senhores de terra mais poderosos da época no sertão do Pajeú, exerceu com mão-de-ferro o posto de “coronel chefe de estado-maior do comando superior da guarda nacional dos municípios de Flôres, Villa-Bella e Imperatriz, na Província de Pernambuco” (DIARIO DO RIO DE JANEIRO⁷, 17/05/1867, p. 1), posto este em que entrou para a reforma no ano de 1867, mas que foi reintegrado no mesmo cargo três anos depois, por decreto imperial. (DIARIO DE PERNAMBUCO⁸, 25/10/1869, p. 2). Também exerceu o cargo de Juiz Municipal Suplente de Ingazeira (DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/03/1876, p. 1).

⁷ O Diário do Rio de Janeiro foi fundado por Zeferino Vito de Meirelles, em 1º de junho de 1821, sendo o primeiro diário da história da imprensa brasileira. No ano de 1855, o Diário se destacou por abrigar o escritor José de Alencar como cronista-colaborador, com a publicação de diversas de suas obras como O Guarani e A Viúva. Em 1867, o Diário do Rio de Janeiro teve sua brilhante redação desmantelada pelas saídas de seus principais redatores, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva e Machado de Assis. A partir desse ano, o periódico entrou numa fase de instabilidade, passando por diversas direções em poucos anos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em 18 mar. 2021.

⁸ O Diário de Pernambuco é o jornal mais antigo em circulação na América Latina e sempre teve fortes ligações com o governo de plantão. Fundado em 07 de novembro de 1825, dez anos depois se transformava em órgão oficial dos governos provinciais, posto que ocupou por várias décadas. Do Império para a República, passou sem alterar a sua linha situacionista. Fato a se destacar ainda foi a candidatura ao governo de Pernambuco do seu então proprietário Francisco de Assis Rosa e Silva, no ano de 1911. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>. Acesso em: 04 nov. 2019.

Considerado “o mais rico e influente fazendeiro da comarca”, em 13 de janeiro de 1875, o então tenente-coronel Francisco Miguel de Siqueira teria comandado a repressão à revolta popular conhecida como “o quebra-quilos”⁹, revolta comandada pelo Capitão Jordão da Cunha França e Brito, Francisco Vasco Pereira de Moraes e Pedro Rufino de Almeida Batista, na povoação de Afogados, à época Termo de Ingazeira (DIARIO DE PERNAMBUCO, 25/01/1875, p. 2). Siqueira também era possuidor de escravizados, conforme notícia publicada em 01 de fevereiro de 1870, foi registrada a entrada na Casa de Detenção de um homem escravizado de nome Felipe, que fugira da propriedade pertencente ao Tenente Coronel Francisco Miguel de Siqueira (DIARIO DE PERNAMBUCO, 11/03/1870, p. 1). Exercendo a função de 1º Juiz Municipal Suplente de Ingazeira, utilizou de sua influência perante o Governo Imperial para que fazendeiros da região, como ele, proprietários de escravizados, obtivessem novo prazo para realizar a matrícula destes, sob o argumento de carência no serviço daquelas localidades. A ausência da efetivação da matrícula fez com que alguns escravizados estivessem pleiteando em juízo a sua liberdade. Todavia, o Coronel Siqueira e demais fazendeiros, fizeram com que “seus direitos dominicais e possessórios fossem salvaguardados” com a concessão de novo prazo pelo Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 16/08/1876, p. 2).

Toda essa gama de poder que se reunia na pessoa do Coronel Siqueira nos dá a ideia de como se manifestavam as relações de poder na região Nordeste do país, no fim dos tempos do Imperador, a era do “coronelismo”, situação que perdurou até as primeiras décadas republicanas. Em nota para a obra de Victor Nunes Leal, *Coronelismo, Enxada e Voto: O Município e o Regime (1949)*, o historiador Basílio de Magalhães afirmou que:

Eram, de ordinário, os mais opulentos fazendeiros ou os comerciantes e industriais mais abastados, os que exerciam, em cada município, o comando-em-chefe da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que a direção política, quase ditatorial, senão patriarcal, que lhes confiava o governo provincial. Tal estado de coisas passou da Monarquia para a República, até ser declarada extinta a criação de Feijó. (MAGALHÃES *apud* LEAL, 1986, p. 21).

⁹ Segundo o historiador Flávio José Gomes Cabral, em 1874, nas províncias de Alagoas, Pernambuco e Paraíba, descontentes invadiram algumas feiras para protestarem contra a nova lei imperial sobre pesos e medidas, que se apresentava confusa para a população. Nessas invasões, “os insurgentes quebravam os novos pesos (os quilos), saqueavam as casas comerciais, coletorias e câmaras, chegando, em muitos casos, a lutar com a polícia, havendo troca de tiros.” (CABRAL, 2008, p. 78).

Assim, a atual microrregião denominada Alto Pajeú sofreu forte influência da cidade de Ingazeira, por meio das ações do Coronel Francisco Miguel de Siqueira. Sua relação com os salteadores da época se revelaram patentes, pois “sustentava” e recebia o auxílio necessário para exercer seu poder de forma violenta. Isso está demonstrado na tentativa do Coronel de reprimir a formação e o crescimento do Povoado de Afogados, atual cidade de Afogados da Ingazeira, o qual chegou a tentar assaltar aquela vila “a que tinha prometido exterminar” com o apoio de “cangaceiros liderados por Adolfo Meia-Noite, cujo coito era a Ingazeira” (PIRES, 2004, p. 36, *apud* VASCONCELOS, p. 146).

No que se refere ao Alto Pajeú, diversos nomes podem ser referenciados para exemplificar o cangaço ali vivenciado, tais como o já citado Adolfo Rosa Meia-Noite e, ainda, os cangaceiros Antão Godê e Manoel Rodrigues, como passaremos a abordar a seguir.

Em sua obra *Flor de Romances Trágicos* (1966), Câmara Cascudo mencionou o salteador Adolfo Rosa *Meia-Noite*, que nasceu em 1840 no povoado Volta de Varas, em Afogados da Ingazeira. Sua iniciação no banditismo data de 1866, quando formou um grupo junto com alguns de seus irmãos e amigos. Em dezembro de 1880, quando residia com sua família no Povoado de Bom-fim, próximo à Serra do Teixeira, estado da Paraíba, Adolfo foi emboscado por uma volante da polícia daquele estado, sendo atingido fatalmente por “uma descarga de balas, caindo morto no alpendre da casa”. Em seguida, apresenta uma cantiga formada por quadras que conta a história de Adolfo Rosa Meia-Noite, uma representação popular do século XIX. Seguem trechos da cantiga:

Adolfo nasceu nas Varas / De Afogados de Ingazeira, / Província de Pernambuco, / Foi sua terra primeira.

[...]

- Tenho uma coisa comigo, / Desde a hora de nascer; / Não mato sem precisão / Nem corro sem vê de quê.

[...]

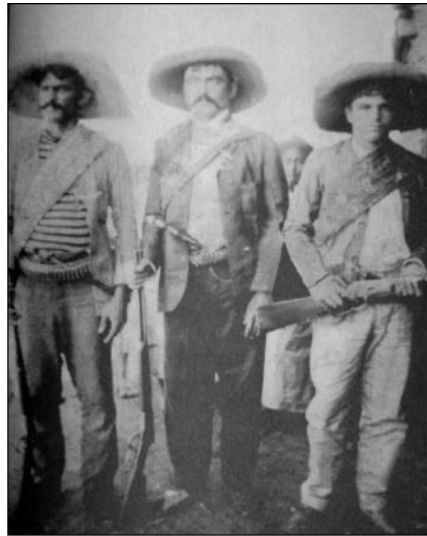
As praças da Paraíba / Na Fazenda do Bom-Fim; / Lhe fizeram a traição / Lhe dando o triste fim.

(CASCUDO, 1999, p. 121-125).

Outro personagem do banditismo local foi Idelfonso Godê de Vasconcelos, conhecido por *Antão Godê* (*Fig.4*), que nasceu em Afogados da Ingazeira e era primo de Manoel Batista de Moraes, verdadeiro nome do cangaceiro *Antônio Silvino*. Ambos eram do bando de Silvino

Aires, e que depois assumiram o comando do próprio bando. Atuando principalmente nos sertões da Paraíba, nas duas primeiras décadas do século XX, Antão Godê foi morto em confronto com a Polícia paraibana no ano de 1913, em Alagoa do Monteiro (atual Monteiro - PB). (OLIVEIRA, 2011, p. 67; 82).

Figura 4: Antão Godê, ao centro, acompanhado por cangaceiros de seu grupo



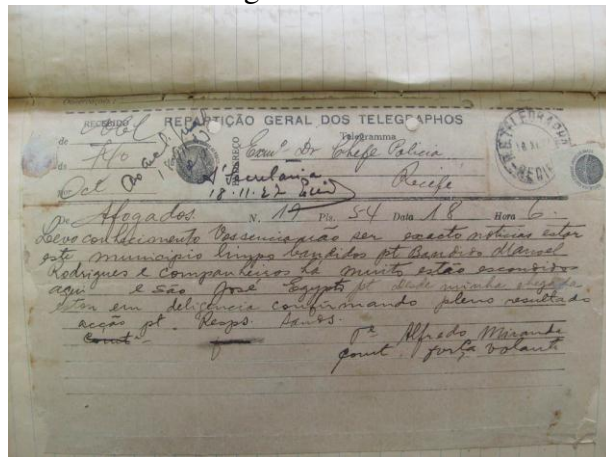
Fonte: Souza (2011, p. 83).

O cangaceiro Manoel Rodrigues nasceu no Povoado de Espírito Santo (atual Tabira - PE). Ele teria ingressado no cangaço “para recuperar a honra e o orgulho que acreditava ter perdido”, após sua mulher ter sido ‘roubada’ por Benzinho Vidal, outro cangaceiro de Afogados da Ingazeira. (PERICÁS, 2010, posição 456). No ano de 1927, um telegrama noticiou a perseguição pela Força Policial sob o comando do Tenente Alencar a esse cangaceiro e seu bando. Em busca realizada nas caatingas, próximo ao Povoado Tigre, no município de São José do Egito, os policiais trocaram tiros com o bando, resultando a morte de Severino de Tal, vulgo Congo. (A PROVÍNCIA¹⁰, 27/04/1927, p. 1).

¹⁰ O periódico *A Província* era editado pelo poeta, advogado, escritor, jornalista e abolicionista pernambucano José Mariano, e foi produzido no Recife entre os anos de 1872 e 1933. Na última década do século XIX, conquistou grande reputação, chegando a ser o maior jornal do Nordeste brasileiro, suplantando até o jornal mais antigo de Recife, O Diário de Pernambuco. Uma importante fase *d'A Província* foi iniciada em 19 de agosto de 1928, quando assumiu sua direção os jornalistas Gilberto Freyre e José Maria Belo. Disponível em: <https://observatoriodaimpressalocal.wordpress.com/category/hemeroteca-digital-de-macae/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Manoel Rodrigues foi chefe de bando de cangaceiros e atuou no mesmo período de Zezé Patriota, havendo relatos de que esse substituiu aquele na chefia do bando. Documentos ainda demonstram que Rodrigues atuou em período posterior à morte de Zezé Patriota, como se vê em telegrama do Tenente Alfredo Miranda, do dia 18 de novembro de 1927, ao chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, relatando que o “bandido Manoel Rodrigues e companheiros há muito estão escondidos aqui em São José do Egito” (Fig. 5).

Fig. 5 – Telegrama sobre Manoel Rodrigues em São José do Egito.



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE (2019).

Figura 6 – Cangaceiro Manoel Rodrigues



Fonte: Ofício das Espingardas (2020).

As fotografias dos cangaceiros acima são representações que devem ser vistas com cautela, pois as imagens são, quando em vez, atribuídas a certas personagens, sem que haja como confirmar a sua autenticidade. Isso ocorre também porque os cangaceiros utilizavam trajes e características pessoais muito comuns, facilitando a comparação e a confusão até mesmo com seus contendores, as forças volantes. De acordo com Peter Burke (2017), a inserção da fotografia dentro de um contexto histórico nem sempre é fácil de realizar, “uma vez que a identidade dos fotografados e dos fotógrafos é muitas vezes desconhecida” (BURKE, 2017, p. 37).

Facilmente encontradas na *Internet* ou advindas de outras fontes, é preciso ter em mente que a fotografia, por si só, não dará conta do real que ela própria faz referência. É fundamental haver uma contextualização do evento analisado a partir do registro fotográfico, averiguando e cruzando informações com outros documentos. Na fotografia como fonte histórica, deve ser considerada a presença de um referente que ali estava diante da câmera com toda a sua subjetividade.

Nesse sentido, devemos levar em conta as palavras de Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (2020):

A abordagem semiológica coloca em outros termos aquilo que a própria sociedade identificava como prova, verdade ou testemunho. A fotografia passa a ser compreendida não como verdade, mas como marca, isto é, índice. O índice é um tipo de signo que se define como vestígio do objeto que lá esteve – o referente. (LIMA; CARVALHO, 2020, p.42)

O banditismo praticado no chamado Eixo Afogados-São José do Egito contou com a atuação de diversos grupos de salteadores, desde a formação dos seus primeiros núcleos urbanos no século XIX e que esses grupos permaneceriam ressurgindo até as primeiras décadas do século XX, quando verificamos a atuação de Zezé Patriota como um de seus representantes do denominado período do Cangaço epidêmico.

Para compreender o cangaço no Nordeste do Brasil, em seu caráter “epidêmico” e “independente”, é fundamental levar em consideração a multiplicidade de elementos que coexistem no espaço sertanejo, ou seja, levar em conta que a microrregião do sertão apresenta uma realidade multidimensional:

Para se entender toda a complexidade da dinâmica social do Sertão e do Agreste nordestinos, o surgimento e o fim do cangaço ‘independente’ e as implicações que ele exerceu sobre as populações locais é necessário abordar os diferentes fatores de

aparentes ‘imobilidades’ e sobrevivências de resquícios culturais, como também as rupturas e modificações conjunturais e estruturais na região. (PERICÁS, 2010, posição 139-144).

Apesar da contemporaneidade com Lampião e tantos outros representantes do cangaço, Zezé Patriota liderava seu próprio bando, atuando predominantemente na microrregião do Alto Pajeú, em Pernambuco, mas sua atuação também alcançou os Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, conforme será abordado mais adiante. As cidades pernambucanas do Alto Pajeú, como São José do Egito e Afogados da Ingazeira, bem como as vizinhas cidades paraibanas de Teixeira e Taperoá, por exemplo, eram seu principal palco de atuação.

Na década de 1920, tais cidades viviam sob o poder dos coronéis, poder este que perpassava todas as suas instâncias, mas principalmente o poder econômico, por meio do monopólio da terra. O grande latifúndio, cujas origens remontam à formação colonial do país, com a divisão do seu território em capitanias hereditárias e, estas, em sesmarias, seria um dos principais aspectos motivadores para o surgimento de fenômenos sociais como o cangaço nos sertões nordestinos, tendo em vista que o monopólio da terra “reduziu ao mais lamentável atraso cultural, com o isolamento, ou melhor, o encarceramento em massa das populações rurais na nossa *hinterlândia*, e que chamamos Sertão, estagnada por quatro séculos.” (FACÓ, 1988, p. 17).

1.3. O CANGACEIRO ZEZÉ PATRIOTA

Tendo em vista que nossa pesquisa não alcançou documentos oficiais sobre o nascimento do cangaceiro Zezé Patriota, como registro civil ou de batismo, uma vez que as visitas aos arquivos cartorários e paroquiais foram obstadas pelo forçoso e necessário isolamento social, em face da Pandemia de Covid-19, passamos a considerar que ele nasceu em 01 de maio de 1896, na residência de sua família, no Sítio Mocambo (Fig. 7), zona rural da cidade de São José do Egito, no então Distrito de São Pedro das Lajes, atual município de Itapetim, no Sertão de Pernambuco. A data acima encontra-se anotada na cruz de madeira (Fig. 8) fixada em memória de sua morte, próximo à residência de seus familiares. Também consideramos que, na década de 1920 em que são registradas as ações de Zezé como cangaceiro, este contava com aproximadamente 30 anos de idade.

Fig. 7 - Antiga casa da Família Patriota, Sítio Mocambo.



Fonte: Por aí pelo sertão, 2020.

Figura 8 – Cruz fixada no local de morte de Zezé Patriota



Fonte: Arquivo Vicente de Paula Ferreira Leite (2019).

Acerca das motivações diversas que levaram os sertanejos a ingressar no cangaço, Pericás (2010) afirma que um dos motivos seria livrar-se do alistamento militar que, na prática, era obrigatório para os jovens pobres daquela época. Segundo esse autor, especialmente antes, durante e depois da Guerra do Paraguai, o ingresso no banditismo servia de fuga do recrutamento para as “tropas de linha”, que serviam no Sul do Brasil ou as que ficavam de prontidão nas fronteiras do país. A maioria dos conscritos eram negros, mulatos e caboclos, em uma palavra, pobres, pois os jovens das camadas mais ricas normalmente arranjavam um meio de se safar do serviço militar: pagamento em dinheiro, pelo grau de parentesco com algum oficial ou amizade com alguma autoridade influente. Qualquer um que

não estivesse incluído entre os “isentos”, poderia ser detido na rua para ir até a capital de sua província e de lá ser transferido para o Rio de Janeiro e ainda ser transferido para qualquer outro lugar do país para servir ao Exército.

Dessa forma, o conhecido termo “Voluntários da Pátria” não representava uma realidade para as populações sertanejas mais pobres, inclusive o recrutamento militar servia como forma de acerto de contas do fazendeiro contra indivíduos mais irrequietos e desobedientes. Assim, esses indivíduos se rebelavam usando o cangaço não só como vingança contra seus antigos patrões, mas principalmente como refúgio. (PERICÁS, 2010, posição 433-445).

Acerca dos motivos que levaram Zezé Patriota para o cangaço, é possível que ele tenha buscado refúgio no banditismo, pois encontramos um relato de que ele teria desertado do Exército¹¹. De acordo com Hobsbawm, “os ex-militares, tal como os desertores, constituem matéria-prima natural para engrossar as fileiras do banditismo”. (HOBSBAWM, 2010, p. 57).

Como está bem caracterizado nas ações do cangaceiro Zezé Patriota e seu bando, a relação do banditismo com os espaços fronteiriços com o objetivo de facilitar a fuga e, conseqüentemente a impunidade, foi analisada pela historiadora Mariana Flores da Cunha Thompson Flores (2019) a partir da criminalidade praticada nos espaços da fronteira meridional do Brasil, na segunda metade do século XIX, que assim afirmou:

“Viver em um espaço de fronteira consiste em ter a permanente noção de que existe o “outro lado” para onde se pode fugir e esconder a si ou o objeto do roubo, onde vigora outra soberania e diferentes interesses que oferecem larga possibilidade de estratégia social. O fato de que a fronteira podia servir como fuga e esconderijo sempre foi sabido pelos fronteiriços e um recurso recorrentemente utilizado [...]. Nesse sentido, não se pode negar que o acesso relativamente fácil à fuga e à impunidade tornavam esse ambiente não só propício, como também convidativo para o crime.” (FLORES, 2019, p.127)

Para combater os diversos grupos de cangaceiros que haviam surgido nos sertões, desde o século XIX, os governos estaduais perceberam a necessidade de promover acordos entre si, principalmente por causa da atuação desses grupos nas regiões limítrofes entre os

¹¹ Relato de Rafael Sílvia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGCcUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOSERTE%3%83OJAIRSOM. Acesso em 05 out. 2020.

estados, pois não era possível a força policial de um estado penetrar no território do outro, sem a devida autorização.

A dificuldade de combate ao banditismo nos sertões já era observada no final do século XIX, como pode ser lido no relatório do então presidente da Província de Pernambuco, o conselheiro Diogo Velho, ao assumir seu mister no ano de 1871. Em seu relatório apresentado aos deputados na abertura dos trabalhos legislativos daquele ano, Diogo Velho reconhecia que havia “bastante que fazer no intuito de firmar o império da lei nesses lugares, e particularmente nas fronteiras da província, para onde afluíam os malfeitores das províncias limítrofes.”¹² Dessa forma, surgira a necessidade de um acordo entre os estados limítrofes, em forma de um convênio, resultando em um avanço no combate ao banditismo, pois o uso das “fronteiras” era uma das principais estratégias de fuga e impunidade dos diversos bandos de cangaceiros existentes no Nordeste. Em situação análoga relativa ao fluxo de criminosos num espaço limítrofe entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, Flores (2019) vai afirmar que:

A possibilidade de fuga que o espaço de fronteira oferece, por exemplo, é um elemento diferencial. É certo que em qualquer espaço alguém que comete um crime pode fugir. Contudo, em uma fronteira, essa fuga assume outra conotação na medida em que, nesse contexto, se está lidando com diferentes soberanias, sendo que, em muitos casos, ainda não vigoram tratados sobre como lidar com essas questões. (FLORES, 2019, p.126)

Obviamente no caso dos bandos de cangaceiros ora analisado, não se tratava de fronteiras, no sentido técnico do termo, pois aqueles utilizavam os espaços limítrofes como rota de fuga entre os estados de um mesmo país. Todavia, a legislação então vigente, a qual prezava pela autonomia estatal, vedando a interferência de um ente no território de outro ente, possibilita a realização dessa analogia.

Assim é que, em 15 de dezembro de 1922, os governos de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte firmaram entre si, um convênio “para cooperação na ação da captura de criminosos”, cujo objetivo, como o próprio título do documento se refere, era a captura dos cangaceiros e a extinção dos respectivos bandos. Cópia deste convênio encontra-se anexo ao Relatório apresentado no ano de 1923 pelo então Chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, Arthur da Silva Rego, ao Secretário Geral do mesmo Estado, Samuel Hardman Cavalcanti de Albuquerque.

¹² Relatório do presidente da província de Pernambuco Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque, 1 mar. 1871. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/686/000006.html>. Acesso em 02 out. 2020.

Para atingir os objetivos pretendidos, o documento previa as seguintes condições: o mútuo auxílio entre os estados para a perseguição e captura dos criminosos, devendo ser exibido o mandado ou requisição da autoridade competente para ingressar em território de outro estado conveniado; a possibilidade da entrada de força policial (as volantes) de um estado no território de outro, quando em perseguição aos cangaceiros, fazendo comunicação imediata à autoridade competente; a entrega imediata dos bandidos presos à autoridade local, quando os meios de segurança permitissem; a responsabilidade do estado pelos danos e excessos porventura causados às propriedades particulares no território de outro estado; a troca de informações por meio da lista dos pronunciados com seus principais dados, além das fichas datiloscópicas dos criminosos, a cada três meses; o uso dos despachos telegráficos como um meio mais simples de realizar as requisições de captura e entrega de bandidos e, ainda, a possibilidade de utilização de um código especial para as correspondências oficiais entre os chefes de polícia dos estados celebrantes.

O citado convênio também se voltaria contra os chamados asiladores de cangaceiros ou mais conhecidos como coiteiros, estabelecendo que contra esses seriam adotadas medidas para tornarem efetivas as disposições do Código Penal e previa também que tais medidas não seriam aplicadas aos considerados meros perseguidos políticos, enquanto esses não tivessem sido pronunciados por crimes comuns. Nos espaços fronteiriços entre os estados seriam mantidas forças volantes em determinadas bases de apoio, ficando estabelecido que as do Estado de Pernambuco seriam nos municípios de Triunfo e Belmonte, e que essas agiriam em toda a região limítrofe entre Pernambuco e Paraíba.

Analisando as correspondências e relatórios¹³ de delegados municipais, Jorge Mattar Villela (2004) afirmou que, diversamente de tantos outros bandos locais de cangaceiros em atuação, o grupo de Zezé Patriota, semelhante ao de Lampião, poderia ser considerado como um “grupo de longo alcance”, tendo em vista que os seus membros eram pronunciados por homicídios praticados em diversos municípios pernambucanos e paraibanos. Constatou ainda a existência de complexos territoriais da atuação dos cangaceiros, a exemplo do encontrado na fronteira norte de Pernambuco com a Paraíba, formado pelos municípios de Triunfo, Afogados da Ingazeira e São José do Egito. (VILLELA, 2004, p. 50).

¹³ A documentação mencionada encontra-se sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) a qual o autor teve acesso em mídia digital.

Os relatórios dão conta de que a Força Policial sob o comando do Tenente José Alencar de Carvalho (Fig. 9) se destacou no combate ao banditismo, cuja atuação se prolongou por mais de duas décadas, sendo ele o responsável por diversas mortes e capturas de cangaceiros no eixo Afogados-São José do Egito, “entre elas membros de grupos célebres como os de Mocinho Godê e José Patriota” (VILLELA, 2004, p. 51). No Relatório dos serviços realizados pela Polícia do Estado de Pernambuco no ano de 1927, consta uma lista¹⁴ organizada pelo Major Théóphanes Torres, Comandante Geral das Forças Volantes do Interior, num total de 40 cangaceiros mortos e 198 capturados naquele ano. Ressalte-se ainda que essa estatística foi publicada no Jornal A Província (11/06/1927, p. 2).

Figura 9 – Volante do então Sargento José Alencar de Carvalho Pires, em 1922.



Fonte: Melo (2018, p. 8) – Iconografia.

As ocorrências noticiadas principalmente em jornais demonstram que o bando liderado por Zezé Patriota atuou em pelo menos três estados da Federação: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Assim sendo, consideramos válida a afirmação de Villela (2004), ao classificar o bando liderado por Zezé Patriota como sendo “de longo alcance”, tais como os de Lampião e outros chefes de cangaceiros.

No início do século XX, com o cangaço cada vez mais em ascensão, crescia igualmente as ações de repressão por parte do Estado. Em meados do mês de setembro de

¹⁴ No apêndice, através de dois quadros, destacamos dessa lista as ações comandadas pelo Tenente Alencar que resultaram em prisões ou mortes de cangaceiros. As notas da tabela acima foram reproduzidas *ipsis literis* da lista organizada pelo Major Théóphanes Torres. (APEJE, Pasta 11).

1926, por meio do periódico *O Combate: Independência, Verdade e Justiça*¹⁵, do Estado de São Paulo, sob o título “Os Sertões Infestados de Cangaceiros – Os bandos de Sabino Góes e José Patriota na Paraíba e em Pernambuco”, tem-se a notícia de que o bando de Zezé Patriota, “substituto de Manoel Rodrigues”, estava se aproximando do Povoado de Desterro, no estado da Paraíba, pois já estava sendo perseguido por um Destacamento da Polícia de Pernambuco, quando dois contingentes da Polícia paraibana seguiram para aquela localidade, a fim de também combatê-los, com o objetivo de fazer um cerco por meio das cidades de Taperoá e Livramento (O COMBATE/SP, 24/09/1926, p. 4).

Em data de 31 de agosto de 1926, Secundino de Souza Limeira, fazendeiro e ex-prefeito da cidade de São José do Egito, noticiou por meio de carta que o bando liderado por Manoel Rodrigues e Zezé Patriota invadiu sua fazenda Europa, nos limites com Afogados da Ingazeira, quando foi despojado de todos os seus bens, tendo os bandoleiros ainda o submetido, junto com sua família e moradores a um “espancamento cruel”. A carta objetivava reivindicar um maior efetivo policial na região, porque o autor discordava e contestava uma carta do chefe do Distrito Telegráfico do Estado publicada anteriormente no Jornal e que informava um efetivo policial naquela região, diferente da realidade apresentada (JORNAL DO RECIFE/PE¹⁶, 18/09/1926, p. 1).

Alguns relatos da atuação de Zezé Patriota foram encontrados em outras fontes, além dos periódicos. Um Boletim da Polícia Militar de Pernambuco transcrito no livro de Geraldo Ferraz de Sá Torres Filho (2011), noticia que, em 26 de agosto de 1926, no lugar chamado Serra do Poço, Povoado de Espírito Santo, atual cidade de Tabira-PE, a Força Volante comandada pelo 3º Sargento José Olinda entrou em conflito com o bando liderado pelos cangaceiros Zezé Patriota e Manoel Rodrigues, ocorrendo grande tiroteio que resultou na morte do bandido Francisco Severo e na prisão de José da Silva, vulgo “Velho”, resultando ainda em diversos feridos. Na peleja com os cangaceiros, a Força Volante perdeu armas e munição. (TORRES FILHO, 2011, p. 96).

¹⁵ O Combate foi um jornal anarquista e operário da cidade de São Paulo, que circulou a partir de 1914 e na década de 1920. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Combate_\(S%C3%A3o_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Combate_(S%C3%A3o_Paulo)). Acesso em: 27 mar. 2021.

¹⁶ O Jornal do Recife foi inicialmente uma "Revista semanal" de "Sciencias – Letras – Artes". Lançado no Recife (PE) em 1º de janeiro de 1859, seu fundador, primeiro proprietário e diretor-redator foi José de Vasconcellos, que o lançou em substituição ao então recentemente fechado Jornal do Domingo. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

Outra ação consta de um artigo publicado na *Internet*, sob o título *Quando o cangaceiro Zezé Patriota assombrou Bom Jesus*. O cangaceiro e seu grupo teria torturado e assassinado um agricultor no Povoado de Bom Jesus, atual cidade de Tuparetama, no sertão do Pajeú pernambucano. O encontro entre a vítima Francisco Fidélis e o bando de Zezé Patriota ocorreu no sítio Melancias, próximo à casa do agricultor. Por infelicidade do sertanejo Francisco em encontro inusitado na estrada próxima ao Sítio Melancias, o cangaceiro o reconheceu como um de seus desafetos, uma vez que em anos passados o agricultor havia disparado um tiro de bacamarte que atingira acidentalmente uma criança da família do cangaceiro, em meio a uma festa junina.

A última saga vivida por Zezé Patriota e seu bando ganhou narrativa no Jornal Gazeta de Notícias, do Estado do Rio de Janeiro, sob o título *As proezas do bandoleiro José Patriota*. Segundo este periódico, ele havia seguido de São José do Egito para o Estado do Rio Grande do Norte, onde cometera “assassínios e latrocínios”. Do referido estado, inseriu no seu grupo mais dois membros: Joaquim Vieira, conhecido por Joaquim Carlos, cujos antecedentes davam conta de crimes de homicídio em Caruaru, e Manoel Mendes, que respondia a homicídio cometido em Alagoas. Além destes, constavam as pessoas de Ernesto Gouveia e Francisco Félix, ambos da cidade paraibana de Souza. O referido bando atacou a propriedade do fazendeiro Antônio Silveira, no lugar conhecido por Cacimbinha, em Souza, no Estado da Paraíba. De acordo com a publicação, a intenção do bando era assassinar o proprietário da fazenda, que “escapou por milagre”, mas o ataque resultou na morte de um funcionário da propriedade. (GAZETA DE NOTÍCIAS¹⁷/RJ, 15/12/1927, p. 10). Sofrendo contínua perseguição da polícia paraibana, o bando de José Patriota saiu da cidade de Souza-PB, atravessou o extenso território da cidade de Piancó-PB, e alcançou a região do Pajeú pernambucano, em São José do Egito, de onde havia partido.

Ato contínuo, o bando tomou de assalto a Fazenda São Pedro, naquela cidade, de propriedade de Alfredo Dantas Villar, da Família Dantas, do Estado da Paraíba. Neste ataque

¹⁷ A Gazeta de Notícias é um jornal carioca diário, fundado em 2 de agosto de 1875, por José Ferreira de Sousa Araújo que introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da capital federal durante a República Velha. Atualmente, circula diariamente com poucos exemplares. Com sua penetração bastante reduzida, tornou-se um órgão de imprensa de importância secundária. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>. Acesso em: 19 jan. 2021.

houve “renhido tiroteio”, resultando na morte de um dos funcionários da fazenda, mas também um grave ferimento do chefe do bando, Zezé Patriota, levando este a buscar refúgio no Sítio Mocambo, zona rural daquele município, próximo ao local de residência de seus familiares, que segundo a notícia era “um de seus habituais homizios”. O mapa a seguir nos dá a ideia das localidades onde ocorreram os fatos acima narrados, conforme pontos e linhas em vermelho feitas pelo autor (Fig. 10):

Figura 10 - Mapa dos estados da Paraíba e de Pernambuco em 1923.



Fonte: Guia Geográfico Brasil (2020).

O Chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, Eurico de Souza Leão, ao ser comunicado por telegrama dos ataques do bando de Zezé Patriota, autorizou o ingresso das forças paraibanas no território pernambucano, conforme convênios celebrados entre os dois governos, e ainda determinou “cuidadosa batida” pelo Tenente Alencar. Lá chegando, a Volante cercou o bando, vindo a ser morto “na resistência o bandido chefe”, que se encontrava em tratamento do ferimento que sofrera quando do ataque à Fazenda São Pedro. (GAZETA DE NOTÍCIAS/RJ, 15/12/1927, p. 10). Assim, Zezé Patriota faleceu no Sítio Mocambo, Distrito de São Pedro das Lajes, em São José do Egito, no dia 12 de maio de 1927, tendo sido morto pelas forças policiais comandadas pelo Tenente José Alencar de Carvalho.

Porém, sobre os últimos momentos da vida do cangaceiro, vale ressaltar alguns relatos que divergem da versão oficial narrada. Em visita ao Sítio Mocambo, no mês de junho de 2019, Vicente de Paula Ferreira Leite e Jonas Januário da Rocha, moradores daquela localidade, relataram ao autor que após ter sido gravemente ferido no pé, quando do ataque que viria a ser seu último assalto, ocorrido na Fazenda São Pedro dos Dantas, em São José do Egito, o cangaceiro foi trazido pelos demais membros do grupo para o Sítio Mocambo, onde diversos de seus parentes residiam. Porém, a Volante do Tenente Alencar, com aproximadamente quarenta homens, manteve perseguição ao bando de Zezé Patriota.

Primeiro, os policiais chegaram a um de seus primos chamado Germiniano, mais conhecido por Caboclinho Patriota. Ao ser indagado pelos policiais se era o Caboclinho, ludibriou os policiais, porém sem mentir, informando que seu nome era Germiniano, omitindo o apelido. Assim, escapou de delatar o primo e, ainda, teria mandado comunicar ao cangaceiro a aproximação da Força Volante que estava no seu encalço.

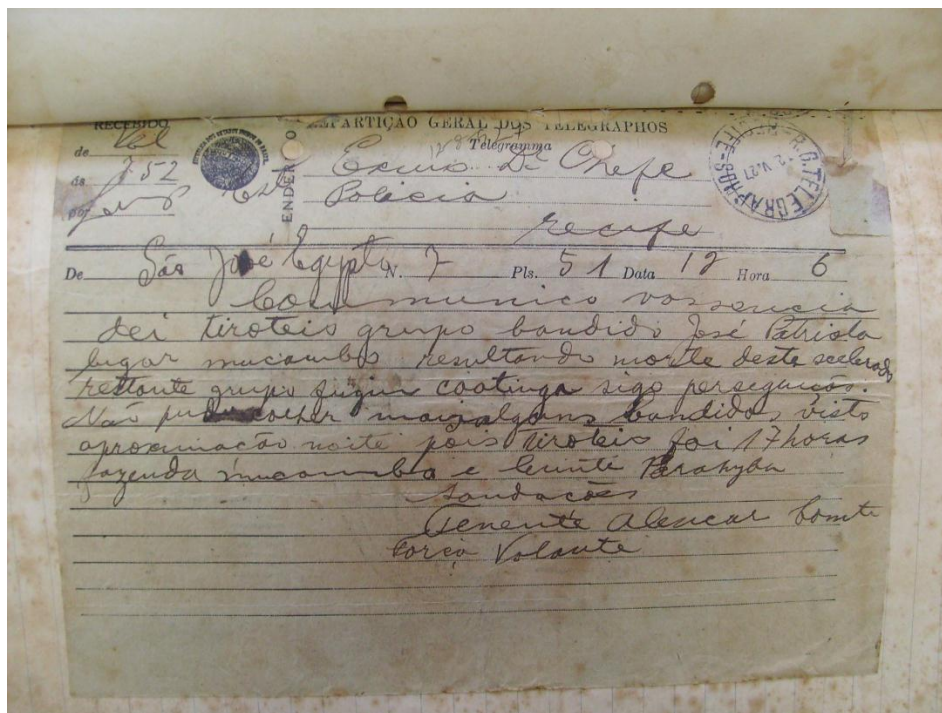
Porém, a mesma sorte não teve um dos irmãos do cangaceiro, Levino, que foi coagido a delatar o esconderijo do irmão e, finalmente, a volante conseguiu encontrar Zezé no referido Sítio Mocambo. Em razão do ferimento (a perna estaria com gangrena) à bala que sofrera no ataque à Fazenda São Pedro, não apresentou qualquer resistência, pelo que foi encapuzado e sumariamente fuzilado pelo grupo de policiais. O cangaceiro ferido teria ordenado aos demais homens do seu grupo que enveredassem fuga, antes que os policiais alcançassem aquele sítio. Segundo esses moradores, cerca de 40 soldados formavam a volante do Tenente Alencar e, São Pedro das Lajes, distrito de São José do Egito, nunca tinha visto tanta polícia reunida.

Os membros do bando foram continuamente perseguidos pelas polícias de Pernambuco e Paraíba: Ernesto Gouveia e Francisco Félix foram presos na localidade do Rio do Peixe-PB, onde foram encontrados “dispersados e tontos”; Francisco Grosso foi morto em combate com os policiais, após três dias de perseguição contínua; Manoel Mendes foi preso dias depois por civis pagos pelo governo, da cidade de Pombal-PB; o cangaceiro conhecido por “Fortaleza”, que havia sido libertado pelo bando da Cadeia de Piancó-PB foi novamente capturado. Apenas os bandoleiros Joaquim Vieira, ou Joaquim Carlos e Tibúrcio conseguiram fugir para outros estados. (GAZETA DE NOTÍCIAS/RJ, 15/12/1927, p. 10).

A cruz erguida em memória do cangaceiro acima referida (Fig. 6) sinaliza como data de sua morte o dia 30 de agosto de 1927. Porém, a data constante no monumento é controversa, pois de acordo com um telegrama (fig. 11) do Tenente José Alencar de Carvalho, comandante da ação que resultou na morte de Zezé Patriota, enviado a Eurico de Souza Leão, então Chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, o cangaceiro teria sido morto em 12 de maio de 1927 e não em 30 de agosto, ou seja, quase quatro meses antes. Eis o teor do documento:

“Exmº Drº Chefe de Polícia. São José do Egypto. Communico a Vossencia dei tiroteio grupo bandido José Patriota lugar Mucambo resultando morte deste scelerado restante grupo fugiu caatinga sigo perseguição. Não fui colher mais alguns bandidos visto aproximação noite pois tiroteio foi 17 horas fazenda Mucambo e limite Parahyba. Saudações. Tenente Alencar. Comte. Força Volante”. (APEJE, cód. RCP, 1927).

Figura 11 – Telegrama do Tenente Alencar comunicando a morte de José Patriota.



Fonte: APEJE (cód. RCP, 1927)

No dia seguinte ao fato, o mencionado telegrama teve seu texto publicado (Fig. 12) nos jornais *A Província* (13/05/1927, p. 1), de Recife e, dois dias depois, também no *Diario de Pernambuco* (15/05/1927, p. 1):

Figura 12 – publicação do telegrama no jornal A Província.



Fonte: A Província (13/05/1927, p. 1).

Diante da leitura de tais fontes, parece estar fora de dúvida que Zezé Patriota foi morto em conflito com as forças volantes, pois observa-se que em duas ocasiões o Tenente Alencar, que liderou a operação contra o cangaceiro e seu bando, afirmou ter havido um "tiroteio", ou seja, uma troca de tiros entre os cangaceiros e a Força Pública. Entretanto, por meio de uma leitura mais atenta aos detalhes, é possível questionar a ocorrência desse "tiroteio", posto que

o resultado teve apenas e tão-somente uma única vítima fatal, sem quaisquer feridos, de um lado ou do outro. Até porque era comum nas correspondências entre os oficiais, como o telegrama ora analisado, relatar também sobre os eventuais feridos no conflito armado. Reforça tal dúvida o fato de que o cangaceiro encontrava-se ferido à bala em uma das pernas, quando do ataque que ele e seu grupo perpetrara à propriedade Fazenda São Pedro dos Dantas, em São José do Egito, motivo esse que o levou a se refugiar no Sítio Mocambo, no então Distrito de São Pedro das Lajes. Portanto, é provável que ele estivesse naquele momento impossibilitado de se defender do ataque da força policial, não podendo se envolver em um “cerrado tiroteio”. Também a fuga de todo seu bando pela caatinga, de forma ilesa, gera dúvida. Além disso, a ênfase na ocorrência do fato do “tiroteio” emprestada pelo autor no referido documento, tendo repetido o termo duas vezes em um curto texto, causa a impressão de estar buscando ocultar fato diverso.

Nesse cenário, houve de fato conflito armado entre cangaceiros e volante ou houve uma execução de um cangaceiro ferido e que, no momento, estava impossibilitado de resistência? Teria sido possível a captura e a prisão do cangaceiro? Ouso fazer tais indagações sobre o acontecimento acima narrado, na esteira do que Carlo Ginzburg chamou de “formas de saber tendencialmente mudas” (1989, p.179). Em sua obra *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*, o historiador italiano sustenta que o denominado método do paradigma indiciário não se presta a seguir regras formalizadas nem ditas, mas que deve se pautar por um relativo “rigor flexível”, em virtude de que,

Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição. (GINZBURG, 1989, p. 179).

A partir do método indiciário de Ginzburg, a história é uma ciência do particular, conforme Ronaldo Vainfas (1997) afirmou:

Ao historiador cabe, com método e problemáticas teoricamente amplas, captar e decifrar os indícios, à semelhança do que faz o médico, o detetive, e outros “investigadores” que só atingem o geral a partir de sinais particulares, valendo-se de erudição e mesmo de intuição (VAINFAS, 1997, p. 121).

Diante da análise do documento, Tânia Regina de Luca (2019, p. 64) defende que “o historiador precisa entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões

demonstram os interesses de quem as escreveu” e arremata afirmando que “ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem a produziu, somente entendidas com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos.”.

Além desses questionamentos baseados na análise do telegrama, há relatos colhidos entre moradores do Sítio Mocambo de que a morte de Zezé Patriota se deu por meio de uma execução e não uma troca de tiros. Em entrevista ao autor, em junho de 2019, os residentes da comunidade do Sítio Mocambo Vicente de Paula Ferreira Leite e Jonas Januário da Rocha, baseados nas suas memórias, informaram que o cangaceiro Zezé Patriota, diante do estado convalescente em que se encontrava, ferido gravemente na perna, com risco de gangrena, havia se rendido diante do cerco policial para ser levado preso. Entretanto, foi sumariamente morto pelas forças comandadas pelo Tenente Alencar.

Não obstante a inobservância das técnicas da História Oral, tais relatos não devem ser ignorados, posto que,

As provas extra técnicas, que Ginzburg chama de indícios mudos, também são alvo de investigação. [...] é preciso que a realidade seja transformada num enigma. Devemos duvidar do óbvio e tratar a prova e a retórica como partes integrantes do mesmo processo, onde a prova documental, as provas extratextuais e a retórica sejam parte da pesquisa e do processo de construção do conhecimento histórico (OLIVEIRA, 2011, p. 38).

Naquele ano de 1927, o combate ao banditismo nos sertões do Nordeste brasileiro encontrava-se em seu apogeu com a captura e a morte de diversos membros do cangaço e o tenente Alencar (Fig. 13) se destacou como um dos mais efetivos comandantes das Força Policial de Pernambuco. De acordo com Villela (2004), o Tenente Alencar “prende todas as vezes no eixo Afogados-São José, num total de 22 capturas, entre elas membros de grupos célebres como os de Mocinho Godê e José Patriota” (VILLELA, 2004, p. 51). Destaco ainda que, trinta e dois anos depois, o Tenente Alencar afirmou em entrevista que após haver travado “cerrado tiroteio contra o bando de José Patriota, entreguei o cadáver daquele criminoso à sua família, para que o enterrassem.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 10/05/1959, p. 3).

Figura 13 - Tenente José Alencar de
Carvalho



O sargento Alencar, herói do combate de Belmonte, contra o bando de Lampião, na época em que chefiava volantes pelo interior pernambucano.

Fonte: Diário de Pernambuco
(10/05/1959, p. 3).

Registro mais que o professor Vicente de Paula Ferreira Leite, morador do Sítio Mocambo e pesquisador das memórias de Itapetim, apresentou uma cantiga¹⁸, cuja letra narra detalhes dos últimos momentos da vida do cangaceiro:

Atiraram em Zezé / A bala pegou no pé / Valei-me Nossa Senhora / Não vejo mais
minha mulher / Palavra sublime, soberba suspiração / Eu vou morrer ausente do meu
filho Absalão

Zezé tinha uma aliança / Custou 22 mil réis / Alencar botou no dedo / Sem dá-lhe
nem um “derréis” / Palavra sublime, soberba suspiração / Eu vou morrer ausente do
meu filho Absalão

Zezé tinha um chapéu / Bordado e rebicado / Custou 40 mil réis / Na cidade de
Afogados / Palavra sublime, soberba suspiração / Eu vou morrer ausente do meu
filho Absalão.

Assim como na literatura de cordel, em que na maioria das vezes, o cangaceiro é visto como um injustiçado, ganhando assim simpatia do cancioneiro popular (GRILLO, 2015, p. 179), a letra da cantiga acima coloca Zezé Patriota em posição de vítima da injustiça das forças policiais que o mataram. Logo nos dois primeiros versos, narra-se o episódio em que

¹⁸ A cantiga sobre a morte de Zezé Patriota é do ano de 1927 e sua autoria é desconhecida. Em vídeo postado pelo professor Vicente de Paula Ferreira Leite em suas redes sociais (*Facebook*), a cantiga é apresentada na voz da irmã de Vicente, com ele ao violão. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

Zezé Patriota foi atingido por uma bala quando ele e seu bando atacou a Fazenda São Pedro, em São José do Egito. Entre os 7º e 10º versos da canção, faz-se uma denúncia de que o então Tenente Alencar, comandante das forças policiais, apropriou-se de uma joia valiosa para a época, pois custou-lhe “22 mil réis”, pertencente ao cangaceiro, após a execução sumária do cangaceiro. Outro evento narrado trata do chapéu do Zezé Patriota, objeto comum entre os cangaceiros, o qual foi adquirido na cidade de Afogados da Ingazeira pela quantia de “40 mil réis”, o que traduz uma visão de vaidade e ostentação por parte do cangaceiro, comportamento também considerado comum no banditismo sertanejo.

Objetivando que a letra da cantiga sobre Zezé Patriota, que é de autoria desconhecida, fosse melhor contextualizada no âmbito da cartilha elaborada como resultado de nossa pesquisa, acrescentamos três estrofes ao poema e também suprimimos os versos que se repetem em forma de refrão. Seguem as estrofes acrescentadas:

No Sítio Mocambo nasceu / No rio Pajeú se banhou/ Do pouco que viveu / No cangaço ele entrou/

Na terra das Umburanas/ Zezé fez o seu bando/ De Pernambuco a Paraíba / Causou muito desmando /

O Cangaceiro ferido / O Oficial sem sentimento / Zezé findou abatido / Sem direito a julgamento /

Os versos do refrão da cantiga que foram suprimidos no texto da cartilha são os seguintes: “Palavra sublime, soberba, suspiração. Eu vou morrer ausente do meu filho Absalão”.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A história do cangaço como fenômeno social, como espécie de banditismo rural, pode ser definida como História Social do Crime. No entanto, não tem sido tarefa fácil para o historiador situar determinados temas em apenas um campo de pesquisa histórica. O problema da definição vem desde a mudança de perspectiva do termo “cultura” que passou de referência apenas à arte, à literatura e à música para uma noção muito mais ampla, referindo-se a quase tudo que se pode aprender em uma determinada sociedade como comer e beber, andar, falar e silenciar, por exemplo. Em outras palavras, hoje “a História da Cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana” (BURKE, 2011, p. 18).

Nesse sentido, parece que a História Social e a História Cultural estão se dissolvendo uma na outra, a ponto de alguns profissionais da Nova História se definirem “novos” historiadores culturais ou historiadores socioculturais (BURKE, 2011, p. 24). Essa dificuldade de definição do campo histórico também foi abordada por Jim Sharpe (2011), em seus escritos sobre a história vista de baixo, ao afirmar que:

Em certo sentido, é claro, é difícil estabelecer-se uma divisão precisa entre um tipo de história e uma abordagem à disciplina em geral: a história econômica, a história intelectual, a história política, a história militar etc., têm uma eficácia mínima quando confinadas em caixas hermeticamente fechadas. Qualquer tipo de história se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a está escrevendo (BURKE, 2011, p. 54).

O presente trabalho se alicerça nos pressupostos da História Social, porém sem se afastar dos fundamentos da história cultural, que na perspectiva do resultado a ser alcançado, parecem ser imprescindíveis. A respeito da História Social, pode-se dizer que é uma história que busca evidenciar a vida e os costumes das pessoas comuns, assim como suas contradições, suas relações de poder e as suas formas de luta cotidiana pela sobrevivência; uma história preocupada com os conflitos, os processos de mudança e de transformações do homem em seu contexto social e cultural. (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Quanto à História Cultural, temos que seu principal objeto, segundo Roger Chartier (2002, p. 17) é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Nesse contexto, tomamos como escopo teórico para desenvolver uma narrativa histórica sobre nosso objeto de pesquisa o conceito de representação, uma vez que é possível:

Pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 2002, p. 19).

O conceito de representação poderá ser compreendido a partir de duas ordens de razões: a uma, a representação em busca de ver uma coisa ausente; a duas, a representação como exibição de uma presença. Ressaltamos aqui o primeiro sentido, pois melhor se enquadra em nossa proposta de trabalho, segundo o qual “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma

‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 2002, p. 20).

Justifica-se o uso desse conceito na produção do saber histórico, uma vez que, há algum tempo vem se admitindo que toda realidade, como conhecimento, é uma representação. Nesse sentido, o entendimento da historiadora Helenice Rodrigues da Silva (2000):

Quanto à prática histórica, convém lembrar que, há tempos, o historiador aprendeu a não confiar no realismo documentário, que tendia a apresentar o ‘texto’ e/ou o documento (rastro de um acontecimento) como a ‘reprodução fiel da realidade’. Na verdade, o ‘texto’ não é outra coisa senão a representação do real. Com efeito, a reconstituição da realidade não passa de uma inferência, de uma dedução: ela é o fruto de uma construção subjetiva; em outras palavras, ela reflete o ponto de vista daquele que a relata. (SILVA, H., 2000, p. 83-84).

Feitas essas considerações acerca da posição desse trabalho no âmbito das áreas do conhecimento histórico, torna-se indispensável a análise da produção historiográfica sobre a temática do cangaço, bem como tratar sobre a discussão teórico-metodológica que propiciou a construção da narrativa histórica sobre o cangaceiro. Nessa perspectiva, busquei inter-relacionar as fontes documentais encontradas nos arquivos e nos periódicos publicados que tratam do cangaço com as fontes bibliográficas, com ênfase nas obras de Eric Hobsbawm (2010) e Peter Burke (2011), além de Roger Chartier (2002) e Ginzburg (1989), entrecruzando-as com os debates historiográficos pertinentes ao tema, passando pelas obras de Luiz Bernardo Pericás (2010), Victor Nunes Leal (1986) e Rui Facó (1988), a recente coletânea de artigos organizada por Francisco Linhares Fonteles Neto, Marcos Luiz Bretas e Mariana Flores da Cunha Thompson Flores (2019), bem como as obras de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2011) e Jorge Mattar Villela (2004), além de artigos, teses e dissertações a respeito do tema do cangaço.

A historiografia produzida sobre o cangaço está focada em alguns cangaceiros que se tornaram personagens populares, tais com Antônio Silvino e Lampião, o que se deve muito pelo êxito de suas trajetórias no banditismo e, portanto, mais prolongadas no tempo e, conseqüentemente, mais documentadas e mais pesquisadas. Porém, é possível afirmar que, no período áureo do cangaço, percorriam os sertões nordestinos dezenas de bandos de cangaceiros, com muitos exercendo lideranças importantes naquele “ofício”, tais como José

Patriota, permitindo assim a ampliação da produção historiográfica no âmbito da temática do cangaço, como se quer buscar no presente trabalho.

Para a produção de qualquer trabalho cujo tema seja o banditismo rural, no qual se insere o cangaço, a leitura das obras de Hobsbawm tornou-se imprescindível, posto que inspirou diversas pesquisas, principalmente por ter desenvolvido a teoria do bandido social, a partir de *Rebeldes Primitivos* (1959) e depois consolidada em *Bandidos* (1969). Na definição desse autor os bandidos sociais seriam:

[...] proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados. (HOBSBAWM, 2010, p. 36).

Nesse sentido, os bandidos sociais se distinguem de outros tipos de criminosos, tais como os pilhadores e os ladrões profissionais ou comuns, em virtude de que aqueles se apresentavam como uma forma de resistência às intromissões de governos centrais e de estados nacionais ou estrangeiros, surgindo como um ato de rebeldia social. Nesse sentido, o banditismo seria produto das desigualdades sociais, apresentando o bandido social como o homem faminto que vai se armar para tomar aquilo que é necessário para ele, ou ainda, próximo da visão Robin-hoodista de roubar dos ricos para dar aos pobres. Nessa perspectiva teórica, o banditismo se caracterizaria como formas primitivas de organização – de caráter pré-político, tendente a evoluir como formas de instituições politicamente organizadas, como por exemplo, as ligas camponesas ou o movimento dos sem-terra (OLIVEIRA, 2011, p. 14):

[...] o banditismo social constitui um fenômeno universal, encontrado em todas as sociedades baseadas na agricultura (inclusive nas economias pastoris) e compostas principalmente de camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados por alguém: por senhores, cidades, governos, advogados ou até mesmo bancos (HOBSBAWM, 2010, p. 39).

O banditismo seria gerado principalmente pela escassez da economia das sociedades camponesas que não possibilitava a todos condições dignas de subsistência, produzindo uma população excedente de desempregados durante grande parte do ano, sendo a população jovem a mais afetada, pois ainda não estava ligada aos deveres do casamento, o que permitia uma liberdade para ingressar no banditismo “antes que as responsabilidades de família lhe pesem nas costas”. Mas também havia indivíduos que “por um motivo ou outro, não se acha integrado na sociedade rural” e assim buscavam no banditismo um meio de vida, a exemplo

de soldados, desertores e ex-militares, posto que esses ao voltarem para suas comunidades, “sem amo, nem terra” não eram reintegrados adequadamente àquelas, constituindo-se, portanto, “matéria-prima natural para engrossar as fileiras do banditismo” (HOBSBAWM, 2010, p. 54-57).

Não obstante a reconhecida importância de seus estudos na temática do banditismo, surgiram diversas críticas à obra de Hobsbawm, principalmente pelo uso do termo “bandido social”, em face da generalização dos tipos de bandidos encontrados em diversas regiões do planeta, tendo criado modelos muito genéricos. Além disso, a utilização em larga escala de crônicas, baladas e da literatura de cordel como fonte de pesquisa pelo autor, teria o levado a construir uma visão romantizada do fenômeno do banditismo.

Segundo o historiador Norberto Ferreras (2003), uma das primeiras críticas foi feita por Anton Blok, que mencionou a questão do uso do termo “social” vinculado aos bandidos, argumentando que muitos desses bandidos tinham comportamento antissocial, pois empregavam violência contra trabalhadores rurais. Alertou ainda para as limitações do Banditismo Social em relação ao desenvolvimento de formas coletivas de protesto, em razão das possibilidades abertas às carreiras individuais. Também sofreram críticas as fontes utilizadas - crônicas, baladas, literatura de cordel – e a construção do mito do bandido social, cujo papel fundamental coube às classes médias urbanas. (FERRERAS, 2003, p. 217).

Outro crítico foi Richard Slatta que questionou estes pontos, com base em pesquisa que utilizou como fonte o material produzido pelas polícias regionais e pelo poder judiciário no combate ao banditismo, as chamadas fontes oficiais. Ele também centrou seus estudos nas interpretações realizadas pelas classes médias urbanas sobre o banditismo, que colaboraram para a construção do mito do “bandido social” (FERRERAS, 2003, p. 218).

Daí porque, em relação ao típico banditismo praticado no Nordeste do Brasil, denominado cangaço, percebemos que algumas obras da historiografia nacional corroboram com a ideia de que as classes médias urbanas foram corresponsáveis na criação do mito do bandido social. Para Albuquerque Júnior (2011), o entendimento de intelectuais brasileiros acerca do cangaço como Graciliano Ramos, por exemplo, reflete essa tendência:

O discurso dos intelectuais marxistas tende a abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo a partir de seus determinantes sociais, reduzindo-os quase sempre a mera explicação econômica, como ocorre com Graciliano. O

cangaceiro e o beato seriam indivíduos marginalizados pela sociedade e que, vistos como heróis pelos marginalizados como eles, podiam ser usados como exemplos de luta contra a opressão. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 221).

A obra já mencionada *Cangaceiros e Fanáticos* (1963), de Rui Facó, também abriu caminhos para edificar o cangaço como temática histórica. Concentrando suas pesquisas sobretudo no Estado do Ceará, ele analisou estudos de intelectuais como Euclides da Cunha, Lourenço Filho, Xavier de Oliveira, Gustavo Barroso e José Américo de Almeida, que indicavam como possíveis causas a mestiçagem, o clima regional, a estrutura biológica, a má distribuição de terras, a falta de trabalho, a precária atuação da justiça, o fanatismo religioso e o déficit de transportes e comunicação entre o sertão e os grandes centros urbanos. O fenômeno do cangaço, em síntese, era resultado, principalmente, das desigualdades sociais e da ausência de justiça para as classes subalternas gerada pelo monopólio da terra. Para esse autor:

O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra – uma luta contra o domínio do latifúndio semifeudal. (FACÓ, 1988, p. 45).

Além do grande latifúndio, esse autor destacou o trabalho baseado na mão de obra escrava, que perdurou na economia brasileira por mais de 300 anos até fins do século XIX, causou um retardamento no progresso das relações trabalhistas, principalmente no norte do país. Enquanto a economia da região Sul se desenvolvia mais aceleradamente, do ponto de vista capitalista, cuja mão de obra escrava fora substituída pelos imigrantes europeus, a região Nordeste evoluía lentamente, gerando uma sociedade polarizada, tendo de um lado “o senhor de grandes extensões de terra”, ou seja, coronéis que representavam naquele ambiente “a polícia, os tribunais, a administração, numa palavra, tudo”; e do outro “o homem sem terra, o semi-servo” que não possuíam direito político.

A situação dos pobres do campo no fim do século [XIX] e mesmo em pleno século XX, não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem-terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem ‘uma saída’ nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos ‘fanáticos’, em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor (FACÓ, 1988, p. 21).

Em sua obra *Guerreiros do Sol – Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil* (1985), Frederico Pernambucano de Mello desenvolveu a teoria sobre as origens do cangaço, sustentando que os cangaceiros se enquadrariam em três espécies, de acordo com as motivações que o levaram ao banditismo. Seria o Cangaço-meio de vida, para aqueles que

buscavam seu sustento na prática de saques, sequestros, subornos e uso geral da violência; o cangaço-vingança, uma modalidade menos frequente, objetivava vingar desonras e mortes de parentes e, por fim, o Cangaço-refúgio – em que muitos sertanejos ingressavam para prover o sustento e refugiar-se das perseguições das volantes, por terem cometido alguma infração no passado. Outra tese sustentada por esse autor, denominada de “escudo ético”, defende que os cangaceiros utilizavam o argumento da vingança como justificativa para a prática do banditismo, o que serviria também para encobrir o cangaço como meio de vida, tendo em vista que havia uma aceitação moral do crime de honra pela população sertaneja (MELLO, 2004, p. 83-89).

À medida que procurou entender o fenômeno do cangaço por diversos ângulos, Mello (2004) se distanciou dos estudos de Hobsbawm (2010) e de Facó (1988), pois procurou abranger desde uma visão socioeconômica pela análise do “ciclo do cangaço”, do “arcaísmo cultural” até o que foi por ele denominado “acobertamento ético” que permitia ao cangaceiro justificar o uso sistemático da violência perante si mesmo e perante a sociedade. Por meio de sua tese do “escudo ético”, Mello sustenta que grande parte dos cangaceiros utilizava o argumento da vingança para justificar o exercício da bandidagem. Tal justificativa servia para “acobertar” as ações dos cangaceiros que passaram a exercer o banditismo como meio de vida.

Por se tratar de obra embasada em extensa pesquisa documental, que fornece diversos dados importantes para se entender o fenômeno do cangaço, foi salutar a leitura do trabalho do antropólogo Jorge Mattar Villela, *O Povo em Armas: Violência e Política no Sertão de Pernambuco*(2004). O autor traz uma abordagem interdisciplinar sobre o banditismo praticado no sertão do Pajeú nas primeiras décadas do século XX, a partir da análise de uma vasta documentação oficial encontrada no Arquivo Público de Pernambuco, bem como a análise de processos-crime arquivados nas comarcas pernambucanas de Serra Talhada, Floresta e Triunfo.

A principal contribuição dessa obra para o presente trabalho está na sua análise acerca das correspondências e relatórios de delegados municipais que atuaram na acirrada campanha de combate ao banditismo nos sertões do Nordeste, especialmente a partir da década de 1920. Por exemplo, o relatório enviado pelo chefe de polícia Eurico de Souza Leão ao secretário da

Justiça e Negócios Interiores no ano de 1928, a respeito das atividades de combate ao banditismo no ano anterior, foi considerado além de “uma prestação de contas”, era um “troféu ostentado” pelos diversos segmentos do governo envolvidos no combate aos cangaceiros e, mais, “uma peça de propaganda”. (VILLELA, 2004, p. 45).

O livro *Os Cangaceiros: Ensaio de Interpretação Histórica* (2010), de Luiz Bernardo Pericás, aborda as origens do cangaço e os principais aspectos que motivaram homens e mulheres a entrar para vida cangaceira, bem como as relações sociais e as estruturas dos bandos de cangaceiros, estando baseado em farta pesquisa bibliográfica e documental. Para o autor, o cangaço não pode ser resumido a uma “simples manifestação da marginalidade”, tendo em vista que ao longo de todo o seu surgimento e evolução, o fenômeno foi imbuindo-se de diversos elementos culturais peculiares, passando a fornecer uma “estética” e uma “construção” social bastante singulares.

Assim, para compreender toda a complexidade da dinâmica social apresentada no Sertão e também no Agreste nordestinos, a partir do surgimento até o fim do cangaço independente, faz-se necessário abordar os fatores de aparentes “imobilidades” e sobrevivências de resquícios culturais, bem como entender as rupturas e modificações conjunturais e estruturais apresentadas na região. Em outras palavras, o fenômeno do cangaço será bem melhor compreendido a partir de uma “realidade multidimensional” (PERICÁS, 2010, posição 140-141).

A Coletânea recentemente publicada “A História do Banditismo no Brasil: Novos Espaços, Novas Abordagens” (2019), reúne artigos de importantes historiadores de diversas regiões do país, constituindo uma obra fundamental para compreender o fenômeno do banditismo ocorrido no Brasil. Os estudos desenvolvidos na coletânea abrangem questões ligadas ao mundo do crime, em suas particularidades, no campo específico da chamada História Social do Crime. A partir de tais estudos vamos compreender a amplitude do banditismo no Brasil, devido à presença de exemplos desse fenômeno em diferentes espacialidades e temporalidades, constatando que o Cangaço foi uma das importantes modalidades de banditismo, mas não a única experiência vivida no país, nem tampouco o banditismo é exclusividade do Nordeste brasileiro. (FONTELES; BRETAS; FLORES, 2019, p. 11-15).

Embora a leitura de toda a coletânea seja essencial para o debate sobre o banditismo e, em particular, para a presente pesquisa, merecem destaque alguns artigos: na análise feita por Antônio Fernando de Araújo Sá acerca das disputas pela memória, entre lembranças e esquecimentos, de José Francisco do Nascimento ou Zé de Julião, que foi cangaceiro do bando de Lampião, o autor recompôs a trajetória do ex-cangaceiro e o apresentou como alguém que viveu à margem da sociedade e que, após o desmantelamento do bando a que pertencia, retornou à vida civil, inclusive disputando pleito eleitoral em Poço Redondo, no Estado de Sergipe.

O artigo de Mariana Flores da Cunha Thompson Flores sobre “Bandidos da Fronteira” é importante para a presente pesquisa, tendo em vista que abordou uma característica específica da atuação de bandidos que se utilizam de regiões limítrofes para assegurar a sua impunidade. Apesar de o artigo tratar sobre uma região de fronteiras, que se refere a países, entendo ser possível utilizar as suas observações ao tratar das mesmas atitudes utilizadas pelos bandos de cangaceiros, como o de Zezé Patriota, ao cruzar as divisas estaduais para fugir das volantes policiais e garantir a impunidade de seus atos.

Em seguida, destacamos o já referido trabalho do historiador Wellington Barbosa das Silva acerca da criminalidade no sertão de Pernambuco, na segunda metade do século XIX. Embora se trate de diferente recorte temporal em relação à nossa pesquisa, as características apresentadas não sofreram mudanças significativas. Em seu artigo, Silva, W., (2019) demonstrou a dificuldade do estado imperial de se fazer presente nas glebas mais distantes das províncias, assim como o corpo policial não tinha homens suficientes para realizar o controle da criminalidade no sertão pernambucano. Também vai abordar a ideia apontada por alguns estudos de que o sertão seria um lugar incivilizado, perigoso, lugar onde moravam as pessoas mais rudes, seriam características que serviam de justificativa para a atuação da força policial como sendo o meio mais eficaz para a resolução dos conflitos.

Ademais, merece realce o texto produzido por Francisco Linhares Fonteles que, a partir da análise de cantigas populares registradas pelos folcloristas nordestinos Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso e Luiz da Câmara Cascudo, buscou entender o processo de monumentalização do cangaceiro Jesuíno Alves de Melo Calado, conhecido como Jesuíno Brillante, como sendo um “bom bandido”. Ressaltamos a importância para o meu trabalho, uma vez que a literatura produzida constitui fonte indispensável à temática do cangaço,

advertindo-se, no entanto, de que se faz necessário “pensar as condições de sua produção, bem como o lugar social das falas”. (FONTELES, 2019, p. 295). Analisando a obra já citada *Flor de Romances Trágicos (1966)*, de Câmara Cascudo, afirma o autor que,

Ao narrar as aventuras dos bandoleiros, os crimes e atos de bravura cantados pelos poetas populares, ele nos permite acessar a tradição oral contida nas gestas, fontes preciosas que nos foram preservadas graças aos trabalhos de folcloristas como ele. Entretanto, devemos ter em mente que essas compilações folclóricas têm em seu bojo uma única preocupação: salvar do esquecimento ‘os costumes tradicionais’ que, muitas vezes, não podem ser datados historicamente, pois recorrem a tempos imemoriais (FONTELES, 2019, p. 302).

Também foram analisados trabalhos acadêmicos, destacando-se os de Marcos Edilson de Araújo Clemente (2003), acerca de memórias a respeito do cangaceiro Lampião, de Rômulo José Francisco de Oliveira Júnior (2010) e de Deuzimar Matias de Oliveira (2011) sobre o cangaceiro Antônio Silvino.

As fontes bibliográficas acerca do cangaceiro Zezé Patriota e do cangaço praticado no Alto Pajeú pernambucano são escassas, constatando-se duas obras que fazem referência direta ao nome do cangaceiro, conforme se explica adiante.

Ao realizar o cruzamento de informações acerca dos locais em que os cangaceiros haviam sido pronunciados com os locais em que estes haviam sido mortos ou capturados, Villela (2004, p. 50) observou a existência de alguns complexos territoriais, sobretudo na fronteira norte do Estado de Pernambuco, onde se situam os municípios de Triunfo, Afogados da Ingazeira e São José do Egito. Verificou nesse cruzamento de fontes que, via de regra, os cangaceiros respondiam a processos na mesma região em que foram mortos ou presos, sendo “raras as ocorrências de *criminosos* provenientes de outros lugares”.

Contudo, as exceções ficam por conta dos bandos que atravessavam os limites territoriais da região, atuando em diversas localidades com o objetivo de dificultar a ação de seus perseguidores, os chamados “grupos de ação de longo alcance, como, por exemplo, o de Lampião, mas também o de José Patriota, cujos *comparsas* eram pronunciados por homicídios em diversos municípios pernambucanos e paraibanos”. (VILELLA, 2004, p. 50, grifo do autor). Referiu-se ainda à pessoa do tenente Alencar, como “o mais efetivo dos comandantes”, tendo em vista “que prendeu todas as vezes no eixo Afogados-São José, num total de 22 capturas, entre elas membros de grupos célebres como os de Mocinho Godê e José Patriota” (VILELLA, 2004, p. 51).

O livro *Guerreiro Togado: Fatos Históricos de Alagoa do Monteiro* (1997), de Pedro Nunes Filho, narra os conflitos armados que se iniciaram na região de Alagoa do Monteiro e que estenderam por diversas cidades do Estado da Paraíba, nos anos de 1911 e 1912, tendo como principal liderança o coronel-bacharel Augusto Santa Cruz, o “Guerreiro Togado”. Fazendo uma análise do grupo de jagunços liderado por Santa Cruz, o autor aponta fatos detalhados da vida de cada um deles. Entre os liderados, encontramos a pessoa de Horácio Patriota que, segundo Nunes (1997, p. 138), “era primo de Zé Patriota, comparsa de Manuel Rodrigues, cangaceiros atuantes na região de São José do Egito, Teixeira e outras localidades limítrofes”. Embora o autor se refira a “Zé”, consideramos que se trate mesmo do Zezé Patriota, por outras referências inseridas no contexto.

Após as leituras da bibliografia brevemente mencionadas, pode-se dizer que, independente da perspectiva metodológica adotada por cada um desses trabalhos mencionados, todos se apresentam importantes para a temática em debate, porque nos permitem a problematização e a sugestão de novos questionamentos, bem como nos auxilia a desenvolver nossa própria análise e reflexão com o objetivo de dar nossa contribuição para o estudo sobre o cangaço.

Na esteira da ampla ressignificação das memórias do cangaço, com o fortalecimento da cultura da memória sob a tríade – memória, identidade e patrimônio - ocorrido a partir do terço final do século XX, objetivamos inserir nessa discussão os rastros de memória do cangaço na região do Pajeú e sua inter-relação com os traços culturais daquela região. O fortalecimento da cultura da memória resultou de uma mudança no regime de historicidade que, depois de um recrudescimento da preocupação com o futuro observada no início do século XX, vislumbra nos seus anos finais uma busca maior acerca do passado, por meio do resgate da memória coletiva. De acordo com François Hartog (2015), ocorreu uma alteração nas relações subjetivas com o tempo, afirmando que:

Esse futuro não é mais um horizonte luminoso rumo ao qual caminhamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em nossa direção, enquanto parecemos patinar no campo do presente e ruminar um passado que não passa. (HARTOG, 2015, p. 245).

A memória está estruturada a partir de alguns pontos de referência, tais como os monumentos (lugares de memória), o patrimônio arquitetônico e seu estilo, assim como as paisagens, as datas e personagens históricas, dos quais somos incessantemente lembrados,

as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, também as tradições culinárias. Esses pontos de referência, segundo tradição metodológica durkheimiana, podem ser tomados como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, cuja ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Consoante definição de Michel Pollak (1989), a memória constitui:

[...] essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

Nessa linha, o presente trabalho visa também fortalecer os sentimentos de pertencimento da região onde se deram os eventos aqui trazidos a partir da memória do cangaço ocorrido na microrregião do Alto Pajeú pernambucano, em busca de influenciar na coesão dos grupos e instituições locais, a fim de definir seu lugar respectivo na história.

Quanto ao *corpus* documental da presente pesquisa, foram objeto de análise documentos encontrados nos arquivos públicos, tais como relatórios, ofícios e telegramas. Além das fontes oficiais mencionadas, alguns periódicos publicados na época em que se deram os fatos também foram de grande valia para a construção da narrativa, assim como a literatura de cordel, que há muito vem servindo aos historiadores como fonte de pesquisa, notadamente acerca da temática do cangaço.

Vale salientar que a indicação dessas fontes não significa que o pesquisador teve acesso direto às vozes, vontades e práticas dos cangaceiros, a exemplo de nosso personagem Zezé Patriota, posto que deve ser considerado o interesse de tais fontes, assim como os lugares de onde falam. Apesar disso, deve o historiador buscar reconstruir as suposições cotidianas dos indivíduos e dos grupos sociais, reconstruir o que essas pessoas pensavam a partir do que foi inscrito nos registros oficiais. Como fazem os historiadores da cultura popular, será necessário “tentar ler nas entrelinhas” (BURKE, 2011, p. 26). Há que se ter em conta também a advertência de que “a percepção e a apreciação do real”, por meio das representações do mundo social “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as

forjam, pois o discurso traz a posição de quem o profere”, não existindo, portanto, um discurso neutro. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Conforme mencionado, uma das fontes importantes para a construção da narrativa no presente trabalho foram os periódicos, pois a partir da análise de conteúdo desses, especialmente por meio de suas crônicas, editoriais, artigos e propagandas, pode-se “acompanhar e analisar os projetos e visões de letrados e intelectuais para e sobre seu tempo”, mas também “observar o silêncio dedicado pelas elites, em geral, aos trabalhadores e pessoas comuns ou refratárias ao trabalho” (SOUZA, 2011, p. 28).

Em relação às representações acerca do Cangaço nos periódicos, a figura do cangaceiro apresentava-se em geral de forma negativa, objetivando estigmatizar os homens que entravam para o cangaço e assim corroborar com as discussões dos intelectuais em relação a “uma disciplinarização dos corpos em vistas de uma ordem social que privilegiasse a classe burguesa e seus ideários de progresso” (SOUZA, 2011, p. 29). Na pesquisa para o presente trabalho foram consultados os periódicos locais e nacionais publicados durante o recorte temporal da pesquisa, por intermédio da Hemeroteca Digital do *site* da Biblioteca Nacional e do Arquivo Digital da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE.

Para o uso dos periódicos como fonte de pesquisa, algumas ponderações devem estar presentes, tendo em vista que esses veículos de comunicação, no mais das vezes são empresas vinculadas a grupos econômicos com forte interesse político e direta ou indiretamente ligadas à classe política dominante, afinal de contas:

Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo. (GLÉNISSON, 1986, pp. 177-8, *apud* LUCA, 2019, p. 116).

Para a utilização dos periódicos como fonte, será imprescindível a busca pelas motivações da decisão de dar publicidade a determinado acontecimento, com atenção para os destaques feitos e para o local em que se deu a publicação, posto que há um peso do que sai na capa em relação ao que figura nas páginas internas do periódico. Estar atento aos vários significados adquiridos pelo discurso jornalístico, bem como à ênfase dada a certos temas, à linguagem, à natureza do conteúdo que são pontos indissociáveis do público que o jornal ou revista busca atingir. Precisa ainda “identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e

para os textos programáticos”. Ademais, deve questionar acerca das “ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros”, bem como “recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”. (LUCA, 2019, p. 140-141).

Além das fontes bibliográficas e dos periódicos, inserimos no *corpus* da pesquisa a poesia popular materializada na literatura de cordel, pois de acordo com diversos estudos realizados, trata-se de uma importante fonte para a pesquisa histórica. Para Antônio Celso Ferreira (2020, p. 61) os textos literários, atualmente, são vistos pelos historiadores como materiais que permitem múltiplas leituras, em especial “por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo”. Em se tratando especialmente da temática do cangaço, há uma riqueza de material produzida especialmente pela existência de diversos trabalhos realizados no campo da literatura de cordel serem contemporâneos ao período do cangaço.

Segundo afirmou Grillo (2015, p. 9-10) os fatos históricos não podem ser analisados somente a partir das “versões oficiais, das falas dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles”. A proposta de analisar os fatos históricos pela ótica dos poetas populares, sem dúvida, objetiva uma aproximação de conhecer a versão dos fatos pelas classes menos favorecidas, ou seja, a versão da história “vista por baixo”. A respeito dessa discussão em torno da temática do banditismo, enfatizou a autora que:

Devemos analisar esse movimento não somente a partir da fala das camadas dominantes, dos coronéis grandes proprietários rurais, mas também pela visão das camadas populares, dos poetas sertanejos que vivenciaram e testemunharam essas ações, e através da literatura de cordel, que se apresenta como um rico material de estudo histórico-social e que, apesar de não estar livre das coerções inevitáveis do saber institucionalizado, narra os acontecimentos sob o ponto de vista popular. (GRILLO, 2015, p. 24-25).

Em relação à figura do cangaceiro retratada na literatura de cordel, observa-se que não há uma visão homogênea, sendo visto por vezes como “o típico herói popular”, mas também muitas vezes os cordéis enfatizam a imagem do bandido, ressaltando “os aspectos mais cruéis e violentos de sua prática”. (GRILLO, 2015, p. 26).

De acordo com Albuquerque Júnior (2011), a literatura de cordel integra um conjunto de representações e linguagens que contribuiu para a invenção do Nordeste como região específica do país. Por meio de uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que foram incorporados na produção artística e cultural nordestina, o cordel “produz uma ‘realidade’ nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades”. O discurso do cordel seria um “difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste, residindo talvez nesta produção discursiva uma das causas da resistência e perenidade de dadas formulações acerca deste espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 129-130).

Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenome, com histórias ouvidas na infância, com histórias que circulavam em toda aquela área; histórias de cangaceiros, de santos, de coronéis, de milagres, de secas, de cabras valentes e brigões, de crimes, de mulheres perdidas, do sertão mítico, repositório de uma pureza perdida, nostalgia de um espaço ainda não “desnaturalizado” pelas relações sociais burguesas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 130).

Em relação ao cangaceiro Zezé Patriota e do cangaço praticado no sertão do Alto Pajeú, não foram encontrados textos de cordel específicos que narrassem os acontecimentos ocorridos naquela região, ressaltando-se uma cantiga de autoria ainda desconhecida que tem como figura central o cangaceiro Zezé Patriota, chamado na cantiga pela alcunha de Zezé, analisada na parte introdutória desse trabalho.

Outras fontes, tais como vídeos encontrados na *Web* foram objeto de pesquisa. Aliás, aqui vale destacar que a *Internet* hoje é meio indispensável para o ofício do historiador, posto que, como afirmou Michel de Certeau (1982),

O computador causou um estranho fenômeno na historiografia contemporânea, pois, proporcionando ao historiador uma indefinida quantidade de informação tratável, permitiu um desvio para zonas até então silenciosas da sociedade como, por exemplo, o “mundo esquecido dos camponeses” (CERTEAU, 1982, p. 80).

Quanto às imagens utilizadas nesse trabalho como documento histórico, algumas delas extraídas de vídeos postados na *Internet*, devem ser consideradas com devida precaução, conforme mencionamos anteriormente. Ao tratar da imagem como fonte histórica, Chartier advertiu que:

A imagem é, para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam seduzir e convencer, e tradutora, a despeito de si

mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida, decifrável. (CHARTIER *apud* NAPOLITANO, 2019, p. 239)

Foram ainda colhidos depoimentos de alguns moradores da região estudada no sentido de acalorar a discussão sobre os fatos narrados, em que pese não tenham sido coletados com os rigores formais que prescreve a História Oral, posto não ser essa a proposta da presente pesquisa, que priorizou o uso das fontes escritas. As entrevistas foram concedidas ao autor de forma espontânea e informal, cujas informações foram registradas na memória do autor e sua utilização foram verbalmente autorizadas pelos entrevistados.

A análise das fontes pesquisadas objetivou apresentar um mapa e o contexto histórico em que se deu a atuação de Zezé Patriota até o advento de sua morte, sabendo-se que nosso personagem atuou nas diversas cidades da região do Pajeú, além de municípios de outros estados vizinhos como a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Objetivamos ainda analisar e compreender a realidade local da terra em que viveu o cangaceiro, as condições de vida da população, os fatores favoráveis ao surgimento de bandos armados na região, por meio das imagens-discurso encontradas nas fontes escritas utilizadas.

Em razão do ineditismo do tema, também é forçoso dizer sobre a dificuldade em apresentar uma narrativa histórica a respeito do personagem central objeto da pesquisa, o cangaceiro Zezé Patriota. Aliás, como afirmou Antônio Gramsci, a história dos grupos subalternos “é necessariamente desagregada e episódica.” (SÁ, 2019, p. 266, *apud* DÓRIA, 1988, p. 54). Nessa perspectiva, a primeira grande dificuldade encontrada para se produzir um relato histórico a respeito de um indivíduo das camadas socialmente vulneráveis, gira em torno da evidência dos fatos. Assim, ao tratar da problemática da produção historiográfica no campo da chamada história vista de baixo, Jim Sharpe pondera que “quanto mais para trás vão os historiadores, buscando reconstruir a experiência das classes sociais inferiores, mais restrita se torna a variedade de fontes à sua disposição” (SHARPE, 2011, p. 43). Assim, por meio das representações imagético-discursivas construídas seja por pessoas singulares, seja por grupos sociais determinados, foi possível dar visibilidade à pessoa do cangaceiro Zezé Patriota e “o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. (CHARTIER, 2002, p. 20).

Em regra, a documentação existente a respeito de agentes históricos como Zezé Patriota é composta por uma fala externa dos acontecimentos. Sobre essa questão, as palavras

de Ginzburg são precisas ao tema e merecem aqui a transcrição, em que pese esteja se reportando a um período mais distante no tempo em relação ao nosso recorte temporal:

Ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e muito mais, se pensarmos nos séculos passados) predominantemente *oral*, e os historiadores não podem se pôr a conversar com os camponeses do século XVI (além disso, não se sabe se os compreenderiam). Precisam então servir-se sobretudo de fontes escritas (e eventualmente arqueológicas) que são duplamente indiretas: por serem *escritas* e, em geral, de autoria de indivíduos, uns mais outros menos, abertamente ligados à cultura dominante. (GINZBURG, 1989, p. 17).

3 . DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

A cartilha “Um cangaceiro de Umburanas: representações sobre Zezé Patriota (1920-1927)” objetiva valorizar a produção de história local, bem como ampliar o debate historiográfico sobre a temática do cangaço.

A opção pelo produto cartilha se deu no sentido de possibilitar a exploração das diversas fontes pesquisadas, tais como textos, documentos, jornais, fotografias e poesias. Além disso, em razão do público-alvo eleito, que são estudantes do último ano do ensino fundamental, a cartilha apresenta uma leitura mais acessível e diversificada.

A elaboração do produto levou em consideração o aspecto da regionalidade, utilizando elementos culturais conhecidos no sertão do Pajeú, tais como o folheto de cordel, da xilogravura, imagens fotográficas e textos destacados do relatório produzido, destacando três pontos relevantes: alguns aspectos do ambiente sertanejo; considerações sobre o cangaço e alguns personagens do cangaço do sertão do Pajeú, além de representações acerca do cangaceiro Zezé Patriota. Nesse sentido, o produto está formatado a partir de textos curtos, fotografias, mapas, desenhos, além de notas explicativas e um glossário.

A elaboração do produto contou com a revisão do Professor Braz Pereira Alves Neto, Mestre em História, e também com a produção artística da *Designer* gráfica Daniella Gonçalves.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto apresentado é do gênero Cartilha, contendo 19 páginas, conforme imagens apresentadas abaixo, a título de ilustração:



Ressalte-se que a Cartilha apresenta, além do texto principal, algumas notas explicativas, referências sobre alguns personagens do cangaço, além de um glossário para melhor compreensão do texto principal, conforme transcrito no apêndice desse relatório. As cores das páginas foram inspiradas nos folhetos de cordel.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

O produto será aplicado por meio da distribuição em instituições de ensino da região do sertão do Pajeú, primordialmente, tendo como público-alvo estudantes do nono ano do ensino fundamental, podendo ser utilizado como paradidático na disciplina de História.

O produto terá distribuição digital gratuita.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cangaço tem como seu marco final simbólico a morte do cangaceiro Cristino Gomes, mais conhecido como “Corisco”, no ano de 1940. Mas, a memória do Cangaço permaneceu viva por meio de objetos, oralidades, locais, folhetos de cordel, artesanato, periódicos, fotografias, livros, filmes, músicas, e outros meios culturais que, por sua vez, levaram à criação de vários tipos de conservação, transmissão e ressignificação de sua memória.

Analisando esses diversos vestígios de memória, buscamos produzir um relato histórico sobre uma de suas personagens até então pouco estudadas no campo da história. Nosso objetivo foi de ampliar os horizontes sobre os diversos personagens desse fenômeno social e também mundial do banditismo que, no Brasil, materializou-se pelo nome de Cangaço. Além disso, buscamos também contribuir com o campo da história das localidades,

desviando a atenção para longe dos grandes centros, onde prevalece o maior número de pesquisas.

Nosso projeto inicial consistiu em construir uma trajetória sobre o cangaceiro Zezé Patriota, porém a dificuldade com as fontes acerca do personagem nos trouxe diversas limitações. Optamos por utilizar o conceito de representação para a produção de um relato histórico acerca de alguns aspectos e momentos de sua vida e sua atuação no Cangaço. Além disso, buscamos inserir nesse relato histórico aspectos da região e da localidade em que se deu essa atuação, aproximando-se da temática da história local acerca da cidade de São José do Egito, e do Povoado de Umburanas ou São Pedro das Lajes, que é a atual cidade de Itapetim. A partir dessa opção metodológica, as fontes disponíveis para a pesquisa satisfizeram a contento, possibilitando a realização do produto.

É válido destacar que, na perspectiva da moderna prática historiográfica, qualquer tipo de documento histórico são portadores de uma tensão entre evidência e representação. O historiador Marcos Napolitano nos esclarece que:

sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis.(NAPOLITANO, 2019, p. 240).

O relato ora produzido sobre o cangaceiro Zezé Patriota, por meio de vozes diversas pesquisadas, embora todas falas externas, permitiu dar visibilidade a esse ator social historicamente desconhecido, além de ter contribuído para a história local do sertão de Pernambuco.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

7.1 PERIÓDICOS

- REVISTA DE PERNAMBUCO, Ano II – nº 19, jan.1926. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=212962&pasta=ano%20192&pesq=%22S%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20do%20Egyppto%22&pagfis=1334>. Acesso em: 15 set. 2019.

- REVISTA DE PERNAMBUCO, Ano II – nº 9, mar. 1925. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=212962&pasta=ano%20192&pesq=%22S%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20do%20Egyppto%22&pagfis=475>. Acesso em: 15 set. 2019.

- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, nº 122, 17 maio 1867. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20186&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=21823. Acesso em: 18 set. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 244, 25 out. 1869. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_04&pasta=ano%20186&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=24344. Acesso em: 18 set. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 63, 17 mar. 1876. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=14781. Acesso em: 18 set. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 19, 25 jan. 1875. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=12034. Acesso em: 18 set. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 57, 11 mar. 1870. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=449. Acesso em: 18 set. 2019.

- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, nº 221, 16 ago. 1876. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20187&pesq=%22Francisco%20Miguel%20de%20Siqueira%22&pagfis=34877. Acesso em: 18 set. 2019.

- A PROVÍNCIA, nº 96, 27 abr. 1927. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=%22Manoel%20Rodrigues%22&pagfis=18290. Acesso em: 05 out. 2019.

- A PROVÍNCIA, nº 134, 11 jun. 1927. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=Jos%C3%A9%20Patriota&pagfis=18595. Acesso em: 05 out. 2019.

- O COMBATE/SP, nº 4253, 24 set. 1926. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830453&pesq=%22Jos%C3%A9%20Patriota%22&pagfis=9387>. Acesso em: 05 out. 2019.

- JORNAL DO RECIFE, nº 217, 18 set. 1926. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=Jos%C3%A9%20Patriota&pagfis=98104>. Acesso em: 05 out. 2019.

- GAZETA DE NOTÍCIAS, nº 298, 15 dez. 1927. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/103730_05/24375?pesq=%22São%20José%20do%20Egypcio%22. Acesso em 26 out. 2019.

- A PROVÍNCIA, nº 110, 13 maio 1927. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=Jos%C3%A9%20Patriota&pagfis=18402. Acesso em 26 out. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 111, 15 maio 1927. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=%22Jos%C3%A9%20Patriota%22&pagfis=20447. Acesso em 26 out. 2019.

- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nº 106, 10 maio 1959. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=%22Coronel%20Jos%C3%A9%20Alencar%22&pagfis=56289. Acesso em 12 Ago. 2019.

7.2. ICONOGRAFIA

Figura 1 - Área urbana de Itapetim (Década de 1970). Fonte: BLOG DADOS HISTÓRICOS DE ITAPETIM E REGIÃO. Disponível em: <http://arquivodefotos2.blogspot.com/2010/07/dados-historico-de-itapetim-pe.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.

Figura 2 – Mapa das veredas do Povoado de Umburanas. Fonte: COSTA, Marcos Roberto Nunes. Itapetim: Cidade das Pedras Soltas. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/CONDEPE/FIDEM, 2007 (p. 37).

Figura 3 - Nordeste brasileiro, 1928. Limite da área de operação dos cangaceiros. Fonte: OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PB, Centro de Humanidades (p. 41). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5951/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

Figura 4 – Cangaceiro Antão Godê e membros do seu bando. Fonte: OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PB, Centro de Humanidades. (p. 83).

Figura 5 – Telegrama sobre Manoel Rodrigues em São José do Egito. Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE. Pasta nº 28 – Banditismo em outros municípios, Vol. 1632. (Doc. em mídia digital).

Figura 6 – Cangaceiro Manoel Rodrigues. Disponível em: www.oficiodasespingardas.blogspot.com. Acesso em: 18 jul. 2020.

Figura 7 - Antiga Casa da Família Patriota, Sítio Mocambo. Fonte: Por Aí Pelo Sertão (Jair Som Produções). 10 jul. 2020. 1 vídeo (14 min 15 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGccUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOSERT%C3%83OJAIRSOM. Acesso em: 05 out. 2020.

Figura 8 - Cruz fixada no local de morte de Zezé Patriota. Fonte: Vicente de Paula Ferreira Leite, 2019.

Figura 9 – Volante do então Sargento José Alencar de Carvalho Pires, 1922. Fonte: MELLO, Frederico Pernambucano. **Apagando o Lampião**: vida e morte do rei do cangaço. São Paulo - SP: Global, 2018. p. 8 – Iconografia.

Figura 10 - Mapa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, em 1923. Fonte: <https://www.brasilturismo.com/pernambuco/mapas/seculo-20.htm>. Acesso em 17 ago. de 2020.

Figura 11 - Telegrama comunicando a morte de Zezé Patriota. Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE. Pasta nº 28 – Banditismo em outros municípios, Vol. 1632. (Doc. em mídia digital).

Figura 12 – publicação de telegrama no jornal A Província. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=Jos%C3%A9%20Patriota&pagfis=18402. Acesso em 26 out. 2019.

Figura 13 - Tenente José Alencar de Carvalho. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=%22Coronel%20Jos%C3%A9%20Alencar%22&pagfis=56289. Acesso em 12 Ago. 2019.

7.3. SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS

-Relato sobre Zezé Patriota no Exército. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGCcUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOSERT%C3%83OJAIRSOM. Acesso em 05 out. 2020.

-Entrevistas: Vicente de Paula Ferreira Leite e Jonas Januário da Rocha, em data de 23 de junho de 2019, no Sítio Mocambo, Itapetim-PE.

-Dicionário Priberam de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/alcunha>. Acesso em 10-02-2021.

-Planalto da Borborema – Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/planalto-da-borborema/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

- O Cangaceiro Jararaca: Disponível em: <http://josemendespereirapotiguar.blogspot.com/2016/02/o-cangaceiro-jararaca.html>. Acesso em: 24 fev 2021.

- Quando o Cangaceiro Zezé Patriota assombrou Bom Jesus. Disponível em: <http://historiadetuparetama.blogspot.com/2017/04/quando-o-cangaceiro-zeze-patriota.html>. Acesso em 18 nov. 2020

- Pesquisadores da UESB investigam o uso medicinal da amburana. Disponível em: <http://www.uesb.br/noticias/pesquisadores-da-uesb-investigam-o-uso-medicinal-da-amburana/>. Acesso em 18.02.2021.

- Hemeroteca Digital: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

- Arquivo CEPE (Companhia Editora de Pernambuco): Disponível em: <https://diariooficial.cepe.com.br/>

- Aula de campo na cruz do cangaceiro Zezé Patriota no Mocambo, Itapetim-PE, na divisa com a Paraíba. 22 ago. 2020. 1 vídeo (18 min 24 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H7pw6vtpffl&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=17&ab_channel=vicentedepaula. Acesso em: 05 out. 2020.
- Dicionário PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- EXPOSTI, Karen Degli. Planalto da Borborema. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/planalto-da-borborema/>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- Pedra do Gavião em Itapetim. Sertão do Pajeú. 10 ago. 2013. 1 vídeo (1 min 27 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jmFDwYZH6WI&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=6&ab_channel=ValdizarLima. Acesso em: 20 dez. 2018.
- Por Aí Pelo Sertão (Jair Som Produções). 10 jul. 2020. 1 vídeo (14 min 15 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGCCUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOSERT%C3%83OJAIRSOM. Acesso em: 05 out. 2020.
- SANTOS, Robério (org.). O Cangaco na Literatura. Disponível em: <http://www.youtube.com/c/OCanga%C3%A7onaLiteratura/featured>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- SOUTO, Hesdras. Zezé Patriota e sua curta vida no cangaco. Disponível em: <https://reporterdosertao.com/2020/07/04/itapetim-zeze-patriota-e-sua-curta-vida-no-cangaco-por-hesdras-souto/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

7.4. BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2ª ed – Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- BATISTA, Francisco de Assis. **Nas trilhas da resistência cotidiana**: O protagonismo exercitado pelos camponeses no cariri paraibano (1900-1950). Tese (Doutorado em Sociologia), 2010. Universidade Federal de Campina Grande-PB/Centro de Humanidades.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOTELHO, Carla (org.). **Calendário oficial de datas históricas dos municípios do interior de Pernambuco**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/FIAM/CEPE, 1994.
- BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. *E-book* (não paginado).
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.

- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CABRAL, Flávio José Gomes. **Conversas reservadas**: “Vozes públicas”, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5ª edição. São Paulo-SP: Editora Campus Ltda, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas – SP: Papirus, 2000. (Coleção Textos do Tempo).
- CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **Flor de Romances Trágicos**. 3ª ed. Natal-RN: EDUFRN, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Alges – Portugal: Ed. DIFEL S.A, 2002
- CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. **Lampiões Acesos**: A Associação Folclórica e Comunitária dos Cangaceiros de Paulo Afonso-BA e os processos de constituição de memória coletiva do cangaço. (1956-1988). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Itapetim**: Cabeça do Pajeú. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/FIAM/CEPE, 1994.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Itapetim**: Cidade das Pedras Soltas. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/CONDEPE/FIDEM, 2007.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes; PASSOS, Saulo Estêvão da Silva. **Itapetim**: Ventre Imortal da Poesia. Antologia de Poetas, Repentistas, Compositores e Músicos Itapetineses. Recife: Ed. Governo de Pernambuco, CONDEPE/FIDEM-Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco, 2008.
- DRUMOND, Marcos Antônio; KIILL, Lúcia Helena; RIBASKI, Jorge; AIDAR, Saulo Tarso. **Caracterização e Usos das Espécies da Caatinga**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1051296/caracterizacao-e-usos-das-especies-da-caatinga-subsidio-para-programas-de-restauracao-florestal-na-unidades-de-conservacao-da-caatinga-uccas>. Acesso em 21 fev 2021.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos** – gênese e lutas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1988.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- FERRERAS, Norberto O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros**: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. Revista História. São Paulo, v. 22, n.2, pp. 211-226, 2003.

FLORES, Mariana F. da C. Thompson Flores. Bandidos de Fronteira: O fluxo de criminosos num espaço limítrofe. *In*: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). **História do Banditismo no Brasil**: Novos espaços, novas abordagens. Santa Maria - RS: Ed. UFSM, 2019.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. O folclore e o banditismo no nordeste brasileiro. *In*: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). **História do Banditismo no Brasil**: Novos espaços, novas abordagens. Santa Maria - RS: Ed. UFSM, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Tiago Cargnin; BERTINO, Raimundo Daldenberg Pereira. Revista de Geografia (Recife). **Sinais da Natureza, Profecias e Previsões Meteorológicas no Sertão do Pajeú**, v. 35, n. n^o 1 (Especial), p. 30–39, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/234408>. Acesso em 20 out. 2020

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940). Jundiaí-SP: Paço Editorial, 2015

HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes primitivos**: Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1^a ed., 6^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2019.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Apagando o Lampião**: vida e morte do rei do cangaço. São Paulo - SP: Global, 2018.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol** – Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil; prefácio de Gilberto Freyre. - 2^a ed. - São Paulo: A Girafa, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2019.

NUNES FILHO, Pedro. **Guerreiro Togado**: fatos históricos de Alagoa do Monteiro. Recife: Editora Universitária UFPE, 1997.

- OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PB, Centro de Humanidades.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antônio Silvino: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional), UFRPE, 2010.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010. *E-book* (não paginado).
- PIRES, Fernando. **Afogados da Ingazeira: Memórias**. Recife: Edificantes, 2004.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RAMOS FILHO, Vagner Silva. **“Lampião: nem bandido, nem herói, ele é História”?** Contradições do cangaço como patrimônio cultural nordestino. 2017. In: III Seminário Internacional – História do Tempo Presente. UDESC – Florianópolis-SC.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O entre sertões e esquecimentos: Rastros da memória de José Francisco do Nascimento (Zé de Julião). In: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). **História do Banditismo no Brasil: Novos espaços, novas abordagens**. Santa Maria - RS: Ed. UFSM, 2019.
- SAMUEL, Raphael. **Documentação: História Local e História Oral**. Ruskin College, Oxford – Tradução de Zena Winoma Eisenberg. Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 9, nº 19, pp. 219-243, set. 89/fev. 90.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SILVA, Wellington Barbosa da. “Grupos de criminosos infestam aquela parte da província”: Banditismo em Pernambuco na segunda metade do século XIX (1850-1870). In: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). **História do Banditismo no Brasil: Novos espaços, novas abordagens**. Santa Maria - RS: Ed. UFSM, 2019.
- SILVA, Maria do Rosário da. **Histórias Escritas na Madeira: J. Borges entre folhetos e xilografuras na década de 1970**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, 2015.
- TORRES FILHO, Geraldo Ferraz de Sá. **Pernambuco no tempo do cangaço** (Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira “Lampião”): Theophanes Ferraz Torres: um bravo militar (1926-1933). Recife: Ed. Bagaço, 2011 (Coleção Tempo Municipal, Livro 22 – Vol. II)
- VASCONCELOS, José Rabelo de. **O reino dos cantadores, ou, São José do Egito etc. coisa e tal**. São José do Egito, PE: Ed. do Autor, 2014.
- VILLELA, Jorge Mattar. **O Povo em Armas: Violência e Política no Sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

8. APÊNDICES

- Documentação do processo de feitura do produto, desde que não incluída em outra parte do relatório técnico, ou parte da documentação utilizada para a elaboração da pesquisa.

Referente à p. 27

QUADRO 1 - Cangaceiros mortos pelas Forças Volantes comandadas pelo Tenente Alencar:

Nome	Notas do Major Theophanes Torres:
1. Severino Vicente	- comparsa do bandido Mocinho Godê, criminoso de morte e roubo nos municípios de Afogados e São José do Egito.
2. Severino Canôa	- comparsa do bandido Manoel Rodrigues, pronunciado por crime de morte nos municípios de Afogados e São José do Egito
3. João Patriota	- comparsa de José Patriota, criminoso de morte em Afogados, Águas Belas e São José do Egito, e no Estado da Paraíba
4. José Patriota	- Perigoso chefe de grupo, criminoso em diversos municípios deste Estado e Paraíba, morto em São José do Egito
5. Manoel Alves	- vulgo Theotônio, célebre bandido, criminoso em Pernambuco e Paraíba, morto em combate no lugar Inveja, município de Afogados da Ingazeira

QUADRO 2 - Cangaceiros presos pelas Forças Volantes comandadas pelo Tenente Alencar:

Nome	Notas do Major Theophanes Torres:
1. Pedro Pio	- comparsa do bandido Mocinho Godê, pronunciado por crime de morte no município de Afogados da Ingazeira
2. Antônio Correia	- Pronunciado por crime de morte no município de Afogados da Ingazeira
3. José Bernardino	- vulgo Péba, pronunciado por crime de morte no município de Afogados da Ingazeira
4. Manoel Pereira da Silva	- Pronunciado por crime de morte no município de Afogados da Ingazeira
5. Manoel Liberal	- Pronunciado por crime de morte no município de Buíque, e capturado em Afogados da Ingazeira
6. João Rodrigues	- Pronunciado por crime de morte no município de Afogados da Ingazeira
7. Manoel Martins	- Pronunciado por crime de morte no município de São José do Egito e capturado em Afogados da Ingazeira
8. Manoel Ferreira de Barros	- Criminoso de morte no município de Afogados da Ingazeira, capturado em Monteiro-PB
9. José Gomes	- criminoso em Afogados da Ingazeira;
10. José Bezerra de Mello	- pronunciado no município de Buíque, capturado em Afogados da Ingazeira.

11. José Bertholdo	- acusado de homicídios em Brejão, município de Garanhuns, capturados no município de Afogados da Ingazeira
12. Antônio Bertholdo	- acusado de homicídios em Brejão, município de Garanhuns, capturados no município de Afogados da Ingazeira
13. Manoel Clemente	- criminoso de ferimentos graves e capturado em Afogados da Ingazeira
14. Xandú Lopes	- pronunciado pelo art. 294 do Código Penal e capturado em Afogados da Ingazeira
15. Severino Purgão	- antigo bandido e criminoso de morte em Afogados da Ingazeira
16. João Baptista de Araújo	- criminoso de morte em Taperoá – PB, capturado em Afogados da Ingazeira.

Referente à p. 55 - DA APRESENTAÇÃO DO PRODUTO:

NOTA: A data de 01 de maio de 1896 aparece na cruz erguida em memória da morte de Zezé Patriota, no Sítio Mocambo. Até o momento, não foi encontrado o registro ou outro documento hábil a confirmar sua data de nascimento.

NOTA: Letra de uma cantiga sobre Zezé Patriota, que teria sido composta no mesmo ano em que ele morreu (1927), mas sua autoria é desconhecida. Destaque-se que, para adequar à canção ao texto, o autor da cartilha compôs mais três estrofes (1^a, 2^a e 6^a na sequência) à letra original da cantiga e omitiu os versos “palavra sublime, soberba suspiração, eu vou morrer ausente do meu filho Absalão”, que se repete na canção original.

NOTA: Zezé Patriota e Manoel Rodrigues atuaram juntos por algum tempo, de preferência nos limites territoriais dos Estados de Pernambuco e Paraíba, pois, naquele período, as polícias locais não podiam penetrar no território do estado vizinho sem autorização. Somente após a assinatura de um convênio interestadual que permitia esse acesso, a perseguição aos cangaceiros foi intensificada.

NOTA: Nessa época, as narrativas sobre o cangaço eram um dos raros momentos em que o Nordeste tinha espaço na Imprensa do Sul, que também servia para reforçar a imagem de uma terra sem lei e de homens violentos, fortalecendo a ideia de superioridade do Sul em relação ao Norte pela narrativa dos jornais.

Personagens do cangaço

Tenente Alencar: Belmonte-PE (São José do Belmonte), 1892

Recife-PE, 1960



Manoel Rodrigues: Espírito Santo (Tabira-PE)



Lampião: Vila Bela (Serra Talhada/PE), 1897

Poço Redondo/SE, 1938



Antônio Silvino: Afogados da Ingazeira/PE, 1875

Campina Grande/PB, 1944



GLOSSÁRIO

Serra da Borborema é uma região montanhosa que abrange os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo o planalto mais marcante do relevo nordestino. Possui 470 Km de extensão e uma altitude média de 500 metros. A Serra é um dos fatores que provocam a escassez de chuvas no Nordeste, pois é uma barreira natural que impede a passagem de massas úmidas vindas do Oceano Atlântico em direção ao continente.

Arruado: pequena povoação à beira de uma estrada

Sítio Mocambo: uma comunidade de agricultores e pecuaristas de pequeno porte, na zona rural do município de Itapetim, distante 5 Km aproximadamente da sede municipal, cortada por uma estrada de terra que liga Itapetim ao município de Desterro, estado da Paraíba.

Rio Pajeú: é o maior afluente do rio São Francisco e a maior bacia hidrográfica de Pernambuco, banhando diversos municípios sertanejos. Nasce na Serra da Balança, em Brejinho, e deságua no Lago de Itaparica, em Petrolândia. Na língua dos povos Cariris que antes habitavam a região, “Pajeú” significa “curandeiro” ou “feiticeiro”.

Caatinga: é o único conjunto de vida vegetal e animal exclusivamente brasileiro, que ocorre predominantemente nos estados da região Nordeste e no norte do estado de Minas Gerais, ocupando 11% do território nacional.

Cangaço: foi um movimento de homens armados que, atuando em grupo, desafiavam as ordens e leis do Estado e os poderosos do Nordeste do Brasil entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A palavra *cangaço*, além de outras explicações, pode ser entendida como o conjunto de objetos e utensílios que possuíam as famílias mais pobres.

Meio de vida: expressão que significa o modo como uma pessoa busca o sustento para viver.

Bando: corresponde a um ajuntamento de pessoas ou animais. Bastante utilizado para se referir aos cangaceiros, pois carrega um sentido **pejorativo**, ou seja, aquilo que exprime sentido desagradável ou de desaprovação.

Cangaço epidêmico: podemos considerar como o período entre os anos de 1890 a 1940, aproximadamente, em que o cangaço apresentou um alto crescimento na quantidade de cangaceiros, bem como um aumento na sua área de atuação.

Epidêmico: corresponde à situação em que uma doença ou outro mal atinge ao mesmo tempo grande número de pessoas em uma determinada localidade ou região, caracterizando uma epidemia.

Coronel: o posto de coronel da Guarda Nacional correspondia a um comando municipal ou regional, sempre ocupado por quem tinha prestígio econômico ou social. Assim, o título de Coronel passou a corresponder aos chefes políticos locais.

Deserção: abandonar o posto ou serviço militar sem autorização de seu superior.

Volantes: grupos formados por policiais militares e também por nativos para combater os cangaceiros. Geralmente, eram comandados por um Oficial do Exército ou por um delegado indicado pelo coronel.

Despojado: Que se despojou; que foi privado de algo que lhe pertencia.

Réis: moeda antiga que circulou no Brasil e em Portugal.

Derréis: significa “dez réis”, escrita de forma menos atenta à norma gramatical (corruptela).

PERIÓDICOS:

Gazeta de Notícias, edição nº 298, 15/12/1927, p. 10

GAZETA DE NOTÍCIAS — Quinta-feira, 15 de Dezembro de 1927

O CANGAÇO DO NOR-
DESTE

A Parahyba exterminou um
grupo de facinoras

As proezas do bandoleiro
José Patriota

Parahyba, 26 de novembro — (Comunicado epistolar da Agência Brasileira) — Sob o título «Ordem Pública», a «União» publicou a notícia do extermínio de mais um grupo de facinoras, que desde algum tempo vinha deprimindo as infelizes populações sertanejas.

Quando o bandoleiro José Patriota passou de S. José do Egypito, município pernambucano, donde era filho, para o Rio Grande do Norte, onde commetteu assassínios e latrocinios, trouxeis como companheiros os criminosos Joaquim Viçosa, conhecido por Joaquim Carlos, e pronunciados por homicídio em Ceará, e Manoel Mendes, pronunciado em Alagoas. Com estes e com dois indivíduos Ernesto Gouveia e Francisco Felix, naturaes de Souza, deste Estado, atacaram o fazendeiro Antonio Silveira, no lugar Cambinha, d'aquelle município, com o fim de exterminal-o, succedendo morrer no tiroteio um innocente trabalhador da fazenda, e escapando por milagre o proprietario.

Perseguido pela nossa policia, atravessou esse grupo o vasto município do Piancó, por estradas ocultas e alcançou o Pajehú, e foi atacar a fazenda S. Pedro, residencia do nosso amigo Alfredo Dantas Villar. Recebêdes os malfetores a bala, travou-se renhido tiroteio em que pereceu um dos defensores da alludida propriedade e foi gravemente ferido o chefe do grupo, José Patriota.

De tudo informado o Dr. Eurico de Souza Leão, ao mesmo tempo que permitia a entrada de autoridades nossas no município de São José do Egypito, determinava cuidadosa batida aos malfetores, que descobertos afinal, pelo tenente Alencar, num dos habituaes homicidios, foram ceifados, morrendo na resistencia o bandido chefe, que se achava em tratamento de ferimento recebido em S. Pedro.

Os outros, dispersados e tontos, voltaram ao Rio do Felix, onde para logo foram capturados os de nomes Ernesto e Francisco Felix, Manoel Mendes e Joaquim Carlos, reunidos a dois outros Tibarcio e Francisco Grossa, ficaram escondidos pelas serras, e vez por outra fazem ataques e extorções a pacatos fazendeiros.

Cercada, ha poucos dias, a casa de Francisco Pereira, onde era frequente o apparecimento desses criminosos, com elle ali se achava Manoel Mendes, que tomou parte na resistencia á força, mas foi atingido na luta por arma de fogo, conseguindo, entretanto, fugir es dois sitiados.

Continuando a perseguição, foi morto em combate, ha cerca de tres dias, Francisco Grossa, que antes de fallecer, descobriu onde se achava escondido, em tratamento, o comparsa Manoel Mendes, preso hontem, segundo as ultimas informações, por uma diligencia de civis estipendiadas pelo governo e que partiram de Pombal sem perda de tempo, logo após a indicação do ponto em que estava occulto o perigoso cangaço. Acreditou-se ao exito dessa serie de diligencias, a prisão do celebre «Fortaleza», terrivel saltador que fora posto em liberdade pelos rebeldes na sua passagem pela villa de Piancó, e ver-se-á como a policia não tem dormido na caça aos inimigos da tranquillidade geral, agora mesma livre da ameaça e correrias de mais um grupo em formação. Os dois que ainda restam da quadrilha espiada fugiram para fóra do Estado, onde não os deixa de acompanhar a accção das nossas autoridades, indicando as dos Estados vizinhos o paradeiro provavel dos furtivos.

S. PAULO — Sexta-feira, 24 de Setembro de 1926

OS SERTÕES INFESTADOS DE CANGACEIROS

Os bandos de Sabino Góes e José Patriota na Parahyba e em Pernambuco

Publica "A União", da Parahyba, no dia 13 do corrente:

"Ante-hontem, às 15 horas mais ou menos, recebeu o presidente do Estado por intermédio do sr. Antonio Martins, residente em Bonito, informação de que se aproximava da nossa fronteira allí numerosos grupos de homens armados.

Por notícias anteriores, procedentes de Conceição, cujo delegado comunicara que o grupo de Sabino Góes, depois de mais uma façanha em Belmonte, Estado de Pernambuco, seguiria para Brejo Santo, Ceará, suppondo o governo tratar-se de um malfeitor e sua banda, que devem estar irritados com a nossa polícia, por duas últimas derrotas sofridas, numa das quais perderam o capitão Jurity.

Immediatas recomendações fez o chefe de Polícia aos destacamentos de Conceição, Cajaciras e Souza, que todos enviaram auxílios a Bonito, onde estacionou o destacamento tenente José Guedes, experientado na batida a cangaceiros.

O presidente do Estado avisou, por precaução, o prefeito José Parente, alvitando-lhe mandar o pessoal de que dispuzesse subir pelo valle do Angul, ao encontro do anunciado grupo, cuja aproximação foi transmitida pelo revêno, padre Lacerda, residente em Maurity.

Hontem pela manhã, às primeiras horas, encontrava-se o dr. Julio Lyra com o capitão Irineu Rangel, sendo por elle informado de que de Piancó seguiria no rumo indicado forte contingente de civis e praças ao mando do bravo sargento Arruda, um dos defensores da villa, no sangrento combate allí travado em Fevereiro com os rebeldes.

O capitão Irineu Rangel adiantou que está em comunicação constante com as localidades que o grupo podia visar, e nada até hontem a noite soubera de normal.

De Teixeira também avisou-nos o nosso amigo sr. José Jeronymo que, mal o grupo de José Patriota, substituto de Manoel Rodrigues, se aproximou ante-hontem da povoação do Destacamento de Pernambuco, o contingente parahybano, estacionado naquella zona povoada, sahio-lhe ao encontro. O de Teixeira teve instruções de seguir via Livramento para o mesmo objectivo.

A AUDACIA DE LAMPÊO

Refere um jornal de Pernambuco: "Para mostrarmos a audacia de

"Lampêo" a que ponto attingida, basta dizer que elle no anno findo tomou de assalto a importante e populosa villa de Castedra, ás barbas do Rio Branco, e de lá mandou pelo telegrapho um perentorio e acintoso telegramma de desafio ao sr. Bérquio de Loreto!! (sic).

O sr. governador não está lembrado disso?

E não se recorda tambem que pretendendo em fins de 1924 visitar Villa Bella com uma numerosa comitiva desistiu desse intento porque "Lampêo" estava a esperal-o na estrada, esgando assalhava, afim de prendel-o?"

A CAÇA AO CANGACEIRO

No dia 11 do corrente, em auto da linha da "Goraz Western", regressava a Recife, o coronel João Nunes, comandante da Força Publica do Estado.

Na Central, foi s. a. recebido pela officialidade da Força e amigos, seguindo directo para sua residencia.

O coronel João Nunes seguiu para o Brestro dos acontecimentos ultimos, entre "Lampêo" e o seu grupo abultado com as forças volantes que andam na sua batida.

De Rio Branco, onde desembarcou, esse militar seguiu para Jericão, 13 leguas de Rio Branco, afim de "de visu", verificar a acção das tropas que andam no encalço do bandoleira e mesmo fazer uma distribuição de força mais efficiente.

OS CANGACEIROS NA PARAHYBA

Prosegue, na Parahyba do Norte, a campanha de defesa das fronteiras do Estado ameaçadas com a invasão dos bandoleiros.

Temo-se, allí, e é natural, a acção destruidora do banditismo que, de cidade em cidade, vai varrendo os sertões do nordeste de uma maneira que entristece e revolta.

PERNAMBUCO CONTINUA INVADIDO PELO CANGAÇO

O territorio de Pernambuco continua a soffrer as consequências da permanencia allí dos cangaceiros, que, como é sabido, proseguem na sua criminoza carreira, commettendo toda a sorte de actos deprimentes para o brio daquelle povo infeliz.

Os bandoleiros, em grupos armados, acham-se em Pernambuco, nas divizas com Parahyba do Norte.

é
—
lu-
o
el-
to.
es
im
to
o
os
e-
y.
e-
p-
va
l-
ir-
de
ir-
li-
e-
io
or
iz,
ir-
á
a-
do
de
e-
p.
O
Ao
im-

Jornal do Recife, edição nº 217, 26 set. 1926, p.

Jornal do Recife

Proprietario e Director — LUIZ PEREIRA DE OLIVEIRA FARIAS

PERNAMBUCO ANNO LXXIX N. 217 SABADO, 18 DE SETEMBRO DE 1926

Recebemos ainda a seguinte carta:

"São José do Egypto, 31 de agosto de 1926. — Ilmo. sr. redactor do "Jornal do Recife" — Saudações. — Lendo o "Jornal do Recife", de 28 do corrente, deparei com uma carta do sr. dr. Renato Barroso, chefe do districto telegraphico deste Estado, pelo que preciso contestar a affirmativa de s. s., relativamente ao numero de praças do destacamento desta cidade. E' assim que o dr. Renato diz existirem aqui trinta praças, quando em boa verdade a força local é de dezeseite praças, faltando por conseguinte treze para as trinta. Existiam onze, depois do assalto á minha fazenda denominada "Europa", sita nos limites deste com o municipio de Afogados de Ingazeira, onde fui despojado de tudo quanto possuia e que o grupo de cangaceiros de Manoel Rodrigues e José Patriota pode conduzir depois de ter-me feito soffrer espancamento cruel, bem como minha familia e moradores, vieram mais seis praças, que completaram dezeseite. Aqui estou sem poder voltar por falta de garantias, tanto mais quanto o grupo é de vinte e tantos bandidos, sendo a força muito pouca para o serviço. Em virtude do que diz o dr. Renato, venho trazer esta noticia a

v. s. a bem da verdade. Pela publicação da presente ficará muito agradecido o amigo. — Secundino de Souza Lima.

— P. S. — Hoje mesmo telegraphiei a esta redacção contestando o dr. Renato Barroso e como tenho receio de que meu telegramma possa chegar com algum defeito envio estas linhas. — Secundino de Souza Lima".

Diario de Pernambuco, Edição 111, de 15/05/1927, p. 1.

Combate ao banditismo

O dr. chefe de polícia recebeu, ante-hontem, um telegramma, procedente do municipio de Salgueiros, communicando-lhe que houve um encontro, na fazenda Chicote, situada naquella localidade, entre uma força pernambucana, sob o commando do sargento Arlindo Rocha, e um grupo de bandidos, do qual resultaram a morte de dois bandidos e ferimentos em outros mais.

— O dr. chefe de polícia, recebeu, ainda, do tenente Alencar, commandante de uma força volante que se encontra em São José do Egypto, o seguinte telegramma:

"Exmo. sr. dr. chefe de polícia — Recife — Communico a v. exc. que del tiroto ao grupo do bandido José Patriota no lugar Mucambo, resultando a morte desse scelerado. O restante do grupo fugiu para a caatinga. Sigo em perseguição. Não pude colher mais bandidos visto a aproximação da noite, pois o tiroto foi ás 17 horas na fazenda "Mucambo", limite da Parahyba. Saudações — Tenente Alencar, commandante da força volante."

A campanha contra o cangaceirismo

A «A Província» ouve o sr. Eurico Souza Leão, chefe da Policia

“A campanha de curta imprensa, diz-nos a. s. é feita mais pela volupscenda do ferir reputações e embaraçar a marcha da administração, que bem informar a opinião publica e servir os interesses collectivos.

“A policia pernambucana não tem olhado interesses politicos na sua acção tenaz aos protectores do Lampeão. Somente espiritos cegos pelas paixões de partido poderão negal-o.”

A figura sinistra de Lampeão, prolongando em longo estagio o crepusculo róxo de sangue que faz desta parte do Nordeste uma terra de sombra e desespero, continu'a em orden do dia, pelo eco das ultimas proezas de Mossoró e pela campanha minaz, descabida e injusta nos falsos detalhes e na linguagem irreverente de curta imprensa, toda vez que se refere aos serviços prestados pela policia do Estado á campanha contra os grupos do cangaceirismo.

Allás, sobre este ponto tivemos occasião de pôr as coisas nos seus justos limites, dizendo claramente o nosso modo de ver, que poderá não ser justo para as consciencias obliteradas pelas opiniões do momento, mas que julgamos retratar o conceito dos homens de bem e das classes interessadas pelo pro-

dos jornalistas da esquerda. Todo o mundo conhece em Pernambuco o objectivo de taes emprezas: ridicularizar o governo com a mentira armada em guerra. Claro que alvos de tal natureza desfiguram de ante-mão toda attitud assumida e faz com que se perca a priori a razão do successo almejado.

Porque, de boa mente, ninguém poderá negar a modificação completa, evidente, que assumiu a luta contra o bandidismo desde o inicio da administração do eminente governador do Estado. Os factos estão ahí palpaveis, intangiveis, reaes.

Quando o dr. Estacio Coimbra ascendeu ao governo o grupo de Lampeão era composto de 120 homens, como se não ignorava naquella epoca, sem falar nos grupos dos Godés, Marcellinos, Jurema, Jarraraca, Patriota, Manoel Rodrigues e Sybau'bas, composto cada um de 20 a 30 scelerados. Estes, operaram em zonas differentes afim de perturbar a orientação da policia. O grupo dos Marcellinos esphacellou-se em combate com as forças pernambucanas sendo morto o seu chefe, o bandido BOMDEVE'RAS, no Municipio de Salgueiro; José Patriota, outro chefe sinistro, foi morto no cerco que lhe poz em São José do Egypto, o tenente Alencar da força pernambucana. O dos Godés, mereo a perseguição tenaz movida pelos nossos contingentes, dissolven-se não reaparecendo mais em territorio do Estado.

DIÁRIO DA NOITE -- S. Paulo - Segunda-feira, 26 de Dezembro de 1927

Contra os cangaceiros do Nordeste

Tres mortes em combate, numa investida da policia parahybana

(Comunicado epistolar da Agencia Brasileira)

PARAHYBA, Dezembro — Sob o titulo "Ordem Publica" a "União" publicou a noticia do extermínio de mais um grupo de facinoras, que desde algum tempo vinha deprimendo as inermes populações sertanejas.

"Quando o bandeirante José Patriota passara de São José do Egypto, municipio pernambucano, donde era filho, para o Rio Grande do Norte, onde commetteu assassinios e latrocinios, trouxera como companheiros os criminosos Joaquim Vieira, conhecido por Joaquim Carlos, pronunciado por hemelido em Caruaru, e Manuel Mendes, pronunciado em Alagoas. Com estes e com os individuos Ernesto Gouveia e Francisco Felix, naturaes de Sousa, deste Estado, atacaram o fazendeiro Antonio Silveira, no lugar Cacimbinha, daquelle municipio, com o fim de exterminal-o, succedendo morrer de tiroteio um innocente trabalhador da fazenda, e escapando por milagre, o proprietario.

Perseguido pela policia, atravessou esse grupo a vasto municipio de Piancó, por estradas ermas, e alcançou o 'Pajchu' pela zona de Afogados, donde deoeco para São José do Egypto, e foi atacar a fazenda S. Pedro, residência do nosso amigo Alfredo Dantas Villar. Recebidos os malfetores à baia, travou-se renhido tiroteio, em que pereceu um dos defensores da alludida propriedade e foi gravemente ferido o chefe do grupo, José Patriota.

De tudo informado, o dr. Eurico de Souza Leão, ao mesmo tempo que permittia a entrada de autoridades nosas no municipio de São José do Egypto, determinava cuidadosa batida aos malfetores, que, descobertos affinal, pelo tenente Alencar, num dos habituaes homizios, foram cercados, morrendo na resistencia o bandido chefe, que se achava em tratamento de ferimento recebido em S. Pedro.

Os outros, dispersados e tontos, voltaram ao Rio do Peixe, onde logo foram capturados os de nomes Ernesto e Francisco Felix, Manuel Mendes e Joaquim Carlos, reunidos a dois outros Tiburcio e Francisco Grassó, ficaram seccididos pelas serras de quando em

quando faziam ataques e extorções a pacotas fazendeiras.

Cercada, ha poucos dias, a casa de Francisco Pereira, onde era frequente o apparecimento de seus criminosos, com elle all se achava Manuel Mendes, que tomou parte na resistencia á força, sendo atingido, na luta, por arma de fogo. Conseguiram, entretanto, fugir os seis restantes.

Continuando a perseguição, foi morto em combate, ha cerca de tres dias, Francisco Grassó, que antes de fallar, descobriu onde se achava escondido, em tratante, o comparsa Manuel Mendes, preso ante-hontem, segundo as ultimas informações, por uma diligencia de civis estipendados pelo governo e que partiram de Pombal sem perda de tempo, logo após a indicação do ponto em que estava occulto o perigoso cangaceiro. Acrescentava, ao exito dessas séries de diligencias, a prisão do rebelde "Poptalema", terrivel matador que fôra posto em liberdade pelos rebeldes na sua passagem pela villa de Piancó, e ver-se-á que a policia não tem dormido na caça aos inimigos da tranquillidade geral, agora mesmo livre da ameaça de correrias de mais um grupo em formação. Os dois que ainda restam, da quadrilha esphacelada, fugiram para fóra do Estado, onde não os deixa de acompanhar a acção das nosas autoridades, indicando ás dos Estados vizinhos o paradeiro provavel dos fugitivos".

NAO HAVIA HYGIENE

E desavieram-se o freguez e o "garçon"

O empregado publico Gil Araujo, residente á avenida Rudge, n.º 26, hontem, á noite, entrou num café expresso, estabelecido á rua Mauá, em frente á estação da Luz, afim de tomar uma ligeira refeição. Para servir e recém-chegado, apresentou-se o garçon João Arlancetz, morador á rua do Bonque, n.º 28. O vacillante, porém, apresentado pelo garçon, não agradeu ao sr. Gil Araujo,

SÉRGIO RICARDO MORAIS DE ARAÚJO FRANÇA



UM CANGACEIRO DE
UMBURANAS

REPRESENTAÇÕES SOBRE ZEZÉ PATRIOTA

(1920-1927)

SÉRGIO RICARDO MORAIS DE ARAÚJO FRANÇA

UM CANGACEIRO DE UMBURANAS

REPRESENTAÇÕES SOBRE ZEZÉ PATRIOTA
(1920-1927)

RECIFE -PE

2021

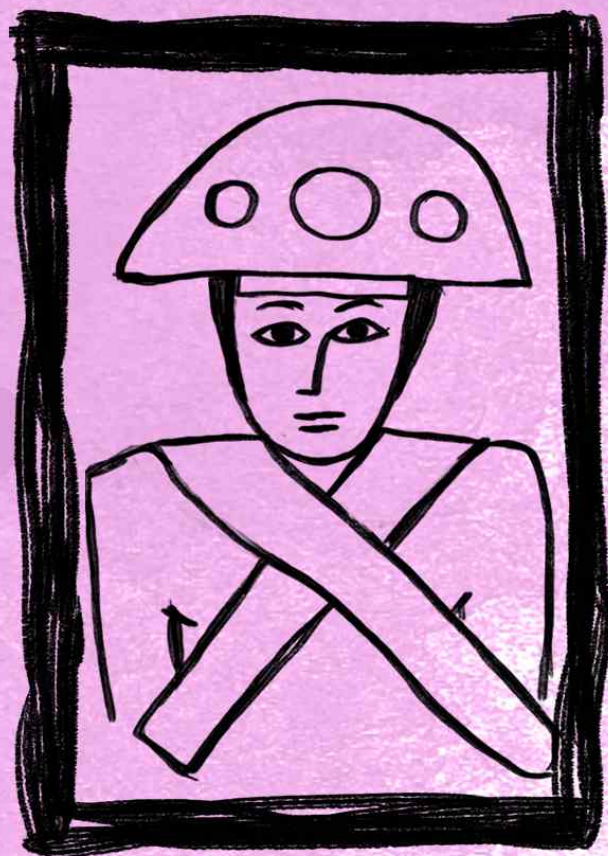
SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	4
2. INTRODUÇÃO.....	5
3. VEREDAS SERTANEJAS DE UMBURANAS.....	6
4. VIVÊNCIAS DO CANGAÇO NO SERTÃO DO PAJEÚ.....	8
5. O CANGACEIRO ZEZÉ PATRIOTA.....	9
6. GLOSSÁRIO.....	14
7. REFERÊNCIAS.....	15

APRESENTAÇÃO

DAS MUITAS LIÇÕES SOBRE O PAPEL QUE CABE AO HISTORIADOR, AQUI DESTACAMOS AQUELA SEGUNDO A QUAL "O OBJETO DA HISTÓRIA É, POR NATUREZA, O HOMEM". NESTA CARTILHA, APRESENTAMOS PARTE DA HISTÓRIA DE UM HOMEM CHAMADO JOSÉ PATRIOTA, CONHECIDO POR ZEZÉ, QUE FOI UM CANGACEIRO NO SERTÃO DO PAJEÚ, EM PERNAMBUCO.

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SE DEU PELA ANÁLISE DE FONTES QUE REGISTRARAM FATOS DA VIDA DE ZEZÉ PATRIOTA NO CANGAÇO. OS DISCURSOS E AS IMAGENS ENCONTRADOS NESSAS FONTES SÃO REPRESENTAÇÕES DO PASSADO QUE NOS PERMITEM VER, CONHECER E, A PARTIR DAÍ, PRODUZIR UM RELATO HISTÓRICO.



DESTINA-SE, EM ESPECIAL, AOS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, MAS ESTUDANTES DE OUTROS ANOS, ALÉM DE PROFESSORES E PESQUISADORES TAMBÉM PODERÃO APRECIAR SEU CONTEÚDO.

BOA LEITURA!

INTRODUÇÃO

A cartilha está organizada em três partes: primeiro, algumas características do ambiente sertanejo nas primeiras décadas do século XX, com foco na localidade onde se deram os fatos envolvendo o cangaceiro Zezé Patriota.

Em seguida, são abordados aspectos do cangaço, no período em que esse apresentou um maior crescimento, quando foi classificado por alguns historiadores como cangaço epidêmico, destacando a existência de outros representantes da região do Pajeú pernambucano.

Na terceira e última parte, analisaremos alguns discursos e imagens produzidos sobre o cangaceiro Zezé Patriota, principalmente por parte de jornais, revistas, livros, correspondências oficiais e conteúdo da Internet. Ao final, os últimos momentos do cangaceiro são ilustrados em representações cênicas, além de um glossário completam a cartilha.



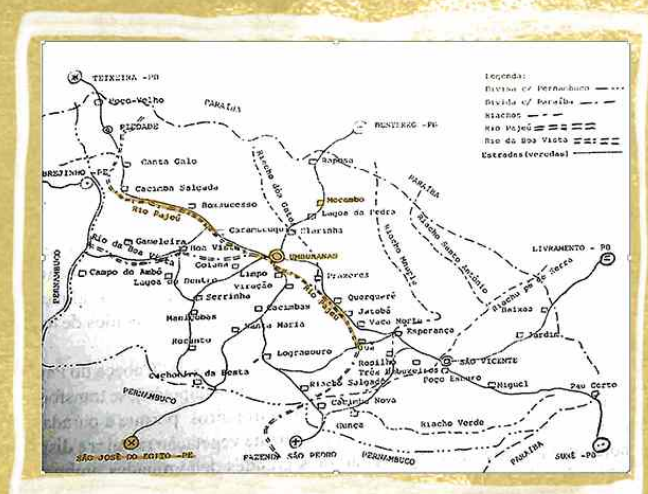
NAS VEREDAS SERTANEJAS DE UMBURANAS

De acordo com um artigo publicado na Revista de Pernambuco, no ano de 1926, a cidade de São José do Egito limitava-se com o município de Afogados da Ingazeira, do lado pernambucano, mas encontrava-se praticamente cercada pelo vizinho Estado da Paraíba, limitando-se com as cidades de Teixeira, Taperoá e “Alagoa do Monteiro” (atual Monteiro), e que esses eram limites naturais determinados pela elevação da Serra da Borborema.

Um dos povoados que formavam o município de São José do Egito era São Pedro das Lajes ou Umburanas, que se tornou município em 1953, com seu nome atual Itapetim. A formação desse povoado se deu a partir de correntes migratórias vindas principalmente da Paraíba, através de grandes estradas utilizadas para o transporte do gado e de produtos agrícolas até o litoral. Outros caminhos secundários, chamados de veredas, ligavam os currais de gado e as lavouras mais distantes até as grandes estradas. E uma dessas veredas ligava a região de Desterro, na Paraíba, ao Povoado de Umburanas, passando, dentre outros arruados, pelo Sítio Mocambo.



Área urbana de Itapetim, década de 1970.
Fonte: Arquivo Benones e Vanda.



Estradas e veredas do Povoado de Umburanas
FONTE: COSTA, 2007.

VOCÊ SABIA?



Umburanas ou São Pedro das Lajes (nome oficial), na década de 1920, era um povoado que fazia parte do município de São José do Egito, passando a ser cidade no ano de 1953, adotando seu atual nome: Itapetim. A **Umburana** é uma árvore nativa da **caatinga**, cujas folhas e sementes são largamente exploradas para uso medicinal. Sua madeira é utilizada para a produção de móveis, barris para envelhecer cachaça, assim como para a arte da xilogravura e esculturas. Devido ao uso indiscriminado da madeira, algumas espécies de umburana correm sério risco de extinção. Essa espécie de árvore serviu de sombra para vaqueiros e tropeiros às margens do **rio Pajeú**, onde paravam para descansar de viagens e negociar suas mercadorias, dando assim início à povoação. Outros locais do Brasil também adotaram o nome de Umburanas.

Naquele arruado, no dia 01 de maio de 1896, nasceu José Patriota. Somente a partir da metade da década de 1920, surgem notícias sobre a figura do cangaceiro Zezé Patriota, quando este se encontrava perto dos 30 anos de idade.



ANTIGA CASA DA FAMÍLIA PATRIOTA – SÍTIO MOCAMBO – ITAPETIM-PE
FONTE: POR AÍ PELO SERTÃO, 2020.

NO SÍTIO MOCAMBO NASCEU /
NO RIO PAJEÚ SE BANHOU /
DO POUCO QUE VIVEU /
NO CANGAÇO ELE ENTROU /

NOTA

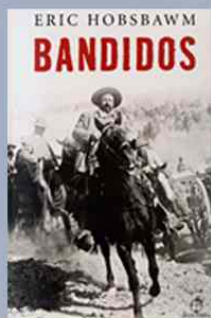
Letra de uma cantiga sobre Zezé Patriota, que teria sido composta no mesmo ano em que ele morreu (1927), mas sua autoria é desconhecida. Destaque-se que, para adequar à canção ao texto, o autor da cartilha compôs mais três estrofes (1ª, 2ª e 6ª na sequência) à letra original da cantiga e omitiu os versos “palavra sublime, soberba suspiração, eu vou morrer ausente do meu filho Absalão”, que se repete na canção original.



VIVÊNCIAS DO CANGAÇO NO SERTÃO DO PAJEÚ

Nas primeiras décadas do século XX, os padrões de comportamento do cangaço apresentaram mudanças significativas em relação a anos anteriores, quando, em algumas situações, a prática passou a se tornar um meio de vida, ou seja, uma profissão.

Uma das prováveis causas para o aumento no número de bandos de cangaceiros era a situação de pobreza da maioria da população sertaneja, agravada pelas secas periódicas, como de fato se deu nos anos de 1877-1878 e em 1919, marcando o período de apogeu do cangaço. Além das secas, as disputas familiares pela posse da terra e o abuso de poder dos chamados coronéis, contribuíram para o crescimento do cangaço.



Capa do Livro, 2015.

Foi a Primeira República (1889-1930) que produziu, pelo menos nos áridos sertões do Nordeste, as condições sociais e políticas propícias ao banditismo epidêmico: isto é, transformou os grupos de jagunços armados, que estavam ligados a determinados territórios e famílias da elite, em bandoleiros independentes que vagavam por uma região de cerca de 100.000 quilômetros quadrados que compreendia terras de quatro ou cinco estados. (HOBSBAWM, 2010, p. 190-191)

Na década de 1920, havia pelos sertões do Nordeste diversos grupos de cangaceiros que atuavam em uma vasta área compreendida desde o Ceará até a Bahia. A multiplicação desses grupos demonstrava que o controle começava a fugir dos coronéis, antigos chefes políticos locais. Veja um mapa da área de operação dos cangaceiros, em 1928.

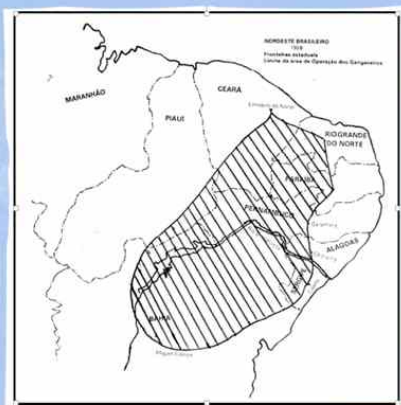


Figura 2 - "Nordeste brasileiro, 1928. Área de operação dos cangaceiros"

Fonte: OLIVEIRA, 2011.

No sertão do Pajeú pernambucano, diversos chefes do cangaço surgiram nesse período, como por exemplo Antônio Silvino e Lampião, assim como Manoel Rodrigues e Zezé Patriota.

PERSONAGENS DO CANGAÇO



TENENTE ALENCAR



★ São José do Belmonte - PE, 1892

† Recife - PE, 1960

Fonte: Diário de Pernambuco, 10/05/1959, p. 3.

MANOEL RODRIGUES



★ Espírito Santo (Tabira)-PE

Fonte:

www.oficiodasespingardasblogspot.com

LAMPIÃO



★ Vila Bela (Serra Talhada)/PE, 1897

† Poço Redondo/SE, 1938

Fonte: Álbum do Cangaço – vol. 2, p. 15.

ANTÔNIO SILVINO



★ Afogados da Ingazeira/PE, 1875

† Campina Grande/PB, 1944

Fonte: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Julho de 1995, p. 6.

O CANGACEIRO ZEZÉ PATRIOTA

Os motivos que levaram Zezé Patriota a entrar para o cangaço ainda são desconhecidos. Porém, uma informação colhida na Internet diz que, antes do cangaço, ele teria servido ao Exército, mas logo teria abandonado o serviço militar. Para não ser punido pela deserção, procurou proteção no cangaço e, provavelmente, iniciou entrando para o grupo do cangaceiro Manoel Rodrigues. Por vários motivos, o cangaço servia de refúgio naquele tempo e um deles era escapar de uma possível punição por parte do Estado ou dos coronéis.

O grupo de Zezé Patriota atuou principalmente nas cidades do Sertão pernambucano, a exemplo de Flores, Afogados da Ingazeira e São José do Egito, mas também municípios da Paraíba, como Teixeira e Taperoá, alcançando até o interior do Rio Grande do Norte.

NA TERRA DAS
UMBURANAS /

ZEZÉ FEZ
O SEU BANDO /

DE PERNAMBUCO
A PARAÍBA /

CAUSOU MUITO
DESMANDO /



ZEZÉ NOS JORNAIS

Journal do Recife

1. Em 31 de agosto de 1926, um grupo de “vinte e tantos bandidos” comandado por Zezé Patriota e Manoel Rodrigues invadiu a Fazenda Europa, nos limites de São José do Egito com Afogados da Ingazeira. Criticando o reduzido policiamento na região, o proprietário da fazenda Secundino de Souza Limeira noticiou que “foi **despojado** de tudo quanto possuía” e ainda submetido a “espancamento cruel”, junto com familiares e moradores da fazenda.

2. Em setembro de 1926, o grupo agora chefiado por **Zezé Patriota**, que substituiu **Manoel Rodrigues**, aproximava-se do Povoado de Desterro (atual município de Desterro-PB), porque perseguido pela Polícia de Pernambuco. Ao mesmo tempo, dois grupos da Polícia paraibana, um seguindo por Taperoá e outro por Livramento, no estado da Paraíba, tentaram surpreender os cangaceiros, fazendo um cerco para capturá-los.

Ultimas noticias

3. Em 1927, Zezé Patriota seguiu de São José do Egito até o interior do Rio Grande do Norte. Nessa jornada, conseguiu reunir outros homens para o seu grupo: do Rio Grande do Norte vieram Joaquim Carlos e Manoel Mendes; passando por Souza-PB, entraram Ernesto Gouveia e Francisco Félix.

4. Em Cacimbinha, na cidade paraibana de Souza, o grupo de Zezé Patriota atacou a fazenda de Antônio Silveira e, de acordo com o jornal, ao tentar assassinar o fazendeiro, os cangaceiros acabaram por matar um trabalhador da propriedade.

5. Em contínua perseguição da Polícia da Paraíba, Zezé Patriota atravessou o extenso território de Piancó, naquele estado, e lá invadiu a cadeia da cidade, tendo libertado o cangaceiro conhecido por “Fortaleza”.

6. De volta à cidade de São José do Egito, o bando tomou de assalto a Fazenda São Pedro, de propriedade de Alfredo Villar, da Família Dantas, da Paraíba. Um demorado e disputado tiroteio resultou na morte de um dos funcionários da fazenda e no ferimento à bala do chefe do grupo Zezé Patriota.

ATIRARAM EM ZEZÉ /
A BALA PEGOU NO PÉ /
VALEI-ME NOSSA SENHORA /
NÃO VEJO MAIS MINHA MULHER /

ZEZÉ TINHA UMA ALIANÇA /
CUSTOU 22 MIL RÉIS /
ALENCAR BOTOU NO DEDO /
SEM DÁ-LHE NEM UM DERRÉIS /

ZEZÉ TINHA UM CHAPÉU /
BORDADO E REBICADO /
CUSTOU 40 MIL RÉIS /
NA CIDADE DE AFOGADOS /

ZEZÉ NOS JORNAIS

Últimas notícias

7. Já no Sítio Mocambo, nas redondezas do Povoado de Umburanas, no final da tarde do dia 12 de maio de 1927, a Volante comandada pelo Tenente Alencar conseguiu chegar ao local onde Zezé Patriota se escondia, bem perto dos limites com a Paraíba. Segundo os jornais, após grande combate, resultou morto “na resistência o bandido chefe”, tendo conseguido fugir pelas caatingas os demais cangaceiros do grupo.

Veja no mapa abaixo, as localidades onde ocorreram os fatos noticiados nos jornais, seguindo a numeração:



NOTAS

Zezé Patriota e Manoel Rodrigues atuaram juntos por algum tempo, de preferência nos limites territoriais dos Estados de Pernambuco e Paraíba, pois, naquele período, as polícias locais não podiam penetrar no território do estado vizinho sem autorização. Somente após a assinatura de um convênio interestadual que permitia esse acesso, a perseguição aos cangaceiros foi intensificada.

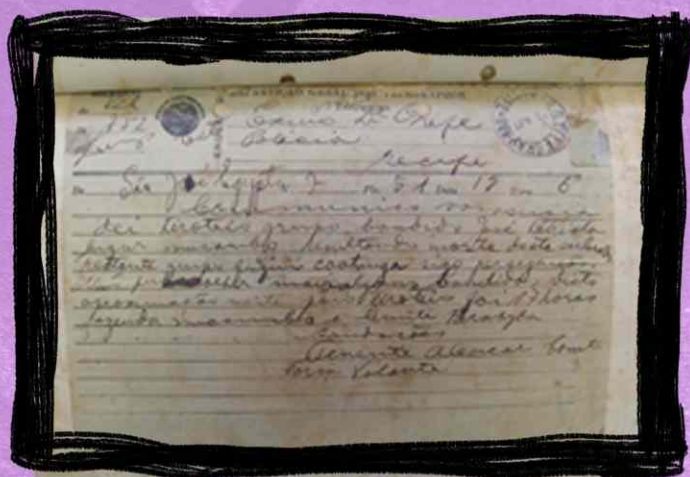
Nessa época, as narrativas sobre o cangaço eram um dos raros momentos em que o Nordeste tinha espaço na Imprensa do Sul, que também servia para reforçar a imagem de uma terra sem lei e de homens violentos, fortalecendo a ideia de superioridade do Sul em relação ao Norte pela narrativa dos jornais.

CRUZ DE MADEIRA EM LOCAL DE MORTE DE ZEZÉ PATRIOTA



Fonte: Vicente de Paula Ferreira Leite, 2019.

TELEGRAMA COMUNICANDO A MORTE DE ZÉ PATRIOTA



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE, 2019.

“Exm^o Dr^o Chefe de Polícia. São José do Egypto. Communico a Vossencia dei tiroteio grupo bandido José Patriota lugar Mucambo resultando morte deste scelerado restante grupo fugiu caatinga sigo perseguição. Não fui colher mais alguns bandidos visto aproximação noite pois tiroteio foi 17 horas fazenda Mucambo e limite Parahyba. Saudações. Tenente Alencar. Comandante Força Volante”.

(Fonte: APEJE, cód. RCP, 1927).

**O CANGACEIRO FERIDO /
O OFICIAL SEM SENTIMENTO /
ZEZÉ FIDOU ABATIDO /
SEM DIREITO A JULGAMENTO /**

A cruz erguida em memória do cangaceiro sinaliza como data de sua morte o dia 30 de agosto de 1927. Porém, a data constante no monumento é controversa, pois de acordo com um telegrama do Tenente Alencar enviado a Eurico de Souza Leão, então Chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, o cangaceiro teria sido morto em 12 de maio e não em 30 de agosto de 1927.

NOTA

A data de 01 de maio de 1896 aparece na cruz erguida em memória da morte de Zezé Patriota, no Sítio Mocambo. Até o momento, não foi encontrado o registro ou outro documento hábil a confirmar sua data de nascimento.

A versão oficial afirma que Zezé Patriota morreu em conflito com a Volante de Alencar, lendo-se na correspondência, por duas vezes a palavra “tiroteio”, reforçando a ideia da troca de tiros. No entanto, é possível questionar a existência desse confronto, haja vista que o cangaceiro se encontrava gravemente ferido no pé, sem condições de resistência à perseguição policial. Por que somente ele foi alcançado pelas balas do tiroteio? Até o momento, as informações encontradas não são suficientes para afastar a dúvida sobre a morte de Zezé Patriota, mas permitem uma reflexão sobre o acontecido.

Alguns moradores do local, em entrevista ao autor, informaram que, em um último ato, Zezé Patriota teria orientado os homens do seu grupo a fugirem do local antes da chegada dos policiais ao Sítio Mocambo, uma tropa de cerca de 40 soldados. Sozinho, Zezé não manifestou resistência, entregando-se para ser preso. No entanto, por volta das 17 horas do dia 12 de maio de 1927, o cangaceiro de Umburanas foi morto sob o pôr do sol sertanejo.

O ÚLTIMO ASSALTO



GLOSSÁRIO

SERRA DA BORBOREMA: é uma região montanhosa que abrange os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo o planalto mais marcante do relevo nordestino. Possui 470 Km de extensão e uma altitude média de 500 metros. A Serra é um dos fatores que provocam a escassez de chuvas no Nordeste, pois é uma barreira natural que impede a passagem de massas úmidas vindas do Oceano Atlântico em direção ao continente.

ARRUADO: pequena povoação à beira de uma estrada

SÍTIO MOCAMBO: uma comunidade de agricultores e pecuaristas de pequeno porte, na zona rural do município de Itapetim, distante 5 Km aproximadamente da sede municipal, cortada por uma estrada de terra que liga Itapetim ao município de Desterro, estado da Paraíba.

RIO PAJEÚ: é o maior afluente do rio São Francisco e a maior bacia hidrográfica de Pernambuco, banhando diversos municípios sertanejos. Nasce na Serra da Balança, em Brejinho, e deságua no Lago de Itaparica, em Petrolândia. Na língua dos povos Cariris que antes habitavam a região, "Pajeú" significa "curandeiro" ou "feiticeiro".

CAATINGA: é o único conjunto de vida vegetal e animal exclusivamente brasileiro, que ocorre predominantemente nos estados da região Nordeste e no norte do estado de Minas Gerais, ocupando 11% do território nacional.

CANGAÇO: foi um movimento de homens armados que, atuando em grupo, desafiavam as ordens e leis do Estado e os poderosos do Nordeste do Brasil entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A palavra cangaço, além de outras explicações, pode ser entendida como o conjunto de objetos e utensílios que possuíam as famílias mais pobres.

MEIO DE VIDA: expressão que significa o modo como uma pessoa busca o sustento para viver.

BANDO: corresponde a um ajuntamento de pessoas ou animais. Bastante utilizado para se referir aos cangaceiros, pois carrega um sentido pejorativo, ou seja, aquilo que exprime sentido desagradável ou de desaprovação.

CANGAÇO EPIDÊMICO: podemos considerar como o período entre os anos de 1890 a 1940, aproximadamente, em que o cangaço apresentou um alto crescimento na quantidade de cangaceiros, bem como um aumento na sua área de atuação.

EPIDÊMICO: corresponde à situação em que uma doença ou outro mal atinge ao mesmo tempo grande número de pessoas em uma determinada localidade ou região, caracterizando uma epidemia.

CORONEL: o posto de coronel da Guarda Nacional correspondia a um comando municipal ou regional, sempre ocupado por quem tinha prestígio econômico ou social. Assim, o título de Coronel passou a corresponder aos chefes políticos locais.

DESERÇÃO: abandonar o posto ou serviço militar sem autorização de seu superior.

VOLANTES: grupos formados por policiais militares e também por nativos para combater os cangaceiros. Geralmente, eram comandados por um Oficial do Exército ou por um delegado indicado pelo coronel.

DESPOJADO: Que se despojou; que foi privado de algo que lhe pertencia.

RÉIS: moeda antiga que circulou no Brasil e em Portugal.

DERRÉIS: significa "dez réis", escrita de forma menos atenta à norma gramatical (corruptela).

REFERÊNCIAS

CORRESPONDÊNCIAS

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE, Códice R.C.P., ano 1927.

ENTREVISTAS

LEITE, Vicente de Paula Ferreira; ROCHA, Jonas Januário da; ROCHA, Jonathas Januário da. Depoimentos em 23 de junho de 2019. Entrevistador: o autor. Sítio Mocambo, Itapetim-PE.

JORNAIS E REVISTAS

- ▶ Jornal do Recife, nº 217, 18 set. 1926.
- ▶ O Combate, nº 4253, 24 set. 1926.
- ▶ Gazeta de Notícias, nº 298, 15 dez. 1927.
- ▶ Revista de Pernambuco, Ano II – nº 19, jan. 1926.
- ▶ Revista de Pernambuco, Ano II – nº 10, abr. 1926.
- ▶ Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco Nº 7, Ano IX, jul. 1995, p. 22.
- ▶ A Província, nº 110, 13 maio 1927
- ▶ Jornal do Recife, nº 217, 26 set. 1926
- ▶ Jornal do Recife, nº 111, 15 maio 1927
- ▶ Diário de Pernambuco, nº 111, 15 maio 1927
- ▶ A Província, nº 139, 17 jun. 1927
- ▶ Diário da Noite/SP, nº 996, 26 dez. 1927

SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS

- ▶ Hemeroteca Digital: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- ▶ Arquivo CEPE (Companhia Editora de Pernambuco): Disponível em: <https://diariooficial.cepe.com.br/>
- ▶ Aula de campo na cruz do cangaceiro Zezé Patriota no Mocambo, Itapetim-PE, na divisa com a Paraíba. 22 ago. 2020. 1 vídeo (18 min 24 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H7pw6vtpffl&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=17&ab_channel=vicentedepaula. Acesso em: 05 out. 2020.
- ▶ Dicionário PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- ▶ EXPOSTI, Karen Degli. Planalto da Borborema. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/planalto-da-borborema/>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- ▶ Pedra do Gavião em Itapetim. Sertão do Pajeú. 10 ago. 2013. 1 vídeo (1 min 27 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jmFDwYZH6WI&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=6&ab_channel=ValdizarLima. Acesso em: 20 dez. 2018.
- ▶ Por Aí Pelo Sertão (Jair Som Produções). 10 jul. 2020. 1 vídeo (14 min 15 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGCcUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOsertao%3%83OJAIRSOM. Acesso em: 05 out. 2020.
- ▶ SANTOS, Robério (org.). O Cangaco na Literatura. Disponível em: <http://www.youtube.com/c/OCanga%3%A7onaLiteratura/featured>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- ▶ SOUTO, Hesdras. Zezé Patriota e sua curta vida no cangaco. Disponível em: <https://reporterdosertao.com/2020/07/04/itapetim-zeze-patriota-e-sua-curta-vida-no-cangaco-por-hesdras-souto/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

REFERÊNCIAS

ICONOGRAFIA

- ▶ Área urbana de Itapetim (Década de 1970) - p. 6. Fonte: BLOG DADOS HISTÓRICOS DE ITAPETIM E REGIÃO. Disponível em: <http://arquivodefotos2.blogspot.com/2010/07/dados-historico-de-itapetim-pe.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- ▶ Mapa das veredas do Povoado de Umburanas - p. 6. Fonte: COSTA, Marcos Roberto Nunes. Itapetim: Cidade das Pedras Soltas. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/CONDEPE/FIDEM, 2007 (p. 37).
- ▶ Antiga Casa da Família Patriota, Sítio Mocambo - p. 7. Fonte: Por Aí Pelo Sertão (Jair Som Produções). 10 jul. 2020. 1 vídeo (14 min 15 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zTMGccUhs98&list=PL-SWSHks7fSOAUN8vpdtURsLo4z-O_BMU&index=7&ab_channel=PORAPELOSERT%C3%83OJAIRSOM. Acesso em: 05 out. 2020.
- ▶ Nordeste brasileiro, 1928. Limite da área de operação dos cangaceiros - p. 10. Fonte: OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PB, Centro de Humanidades (p. 41). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5951/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- ▶ Mapa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, em 1923 - p. 14. Fonte: <https://www.brasil-turismo.com/pernambuco/mapas/seculo-20.htm>. Acesso em 17 ago. de 2020.
- ▶ Cruz fixada no local de morte de Zezé Patriota – p. 15. Fonte: Vicente de Paula Ferreira Leite, 2019.
- ▶ Telegrama comunicando a morte de Zezé Patriota. Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, 2019.
- ▶ PERSONAGENS DO CANGAÇO, p. 8:
 - Tenente Alencar. Fonte: Diário de Pernambuco, 10/05/1959, p. 3
 - Manoel Rodrigues. Fonte: www.oficiodasespingardas.blogspot.com
 - Lampião: Fonte: SANTOS, Robério (org.). Álbum do Cangaço, vol. 2, p. 15
 - Antônio Silvino: Fonte: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Julho de 1995, p. 6.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Itapetim: Cidade das Pedras Soltas. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/CONDEPE/FIDEM, 2007.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos – gênese e lutas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1988.

HOBBSAWM, Eric J. Bandidos. São Paulo: Paz e Terra, 2015

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

SANTOS, Robério (org.). Álbum do Cangaço – Vol. 2. Ed. do autor – Distribuição gratuita.

SILVA, Wellington Barbosa da. “Grupos de criminosos infestam aquela parte da província”: Banditismo em Pernambuco na segunda metade do século XIX (1850-1870). In: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). História do Banditismo no Brasil: Novos espaços, novas abordagens. Santa Maria - RS: Ed. UFSM, 2019.

VILLELA, Jorge Mattar. O Povo em Armas: Violência e Política no Sertão de Pernambuco. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

AGRADECIMENTOS

A Tiago e Iracy, meus queridos pais (in memorian).

A Luci, minha esposa, e a Malu, Tiago e Pedro, meus filhos, parceria de todas as horas.

Aos familiares, em especial, a Pedrinho, Alberto e Alcino Ribeiro pelo acolhimento em sua casa e pelo apoio.

Aos professores, em especial a Flávio Cabral, meu orientador, por toda competência e experiência transmitidas com serenidade. Aos professores Tiago César e Wellington Barbosa que aceitaram o convite para integrar a banca e pelas valiosas contribuições.

Ao Povo de Itapetim, em especial, ao professor Vicente de Paula Ferreira Leite, pela entrevista concedida e informações fornecidas. A Jonathas e a seu pai, Jonas Januário da Rocha (in memorian) pelas entrevistas concedidas, bem como ao sociólogo Hesdras Souto, pelas informações gentilmente cedidas. A Valdizar Lima que, pela Web, apresentou-me Zezé Patriota.

FICHA TÉCNICA

CARTILHA

PARA 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO

PRODUTO RESULTANTE DO MESTRADO EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP

CRÉDITOS

Autor: Sérgio Ricardo Morais de Araújo França

Orientador: Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral

Revisor: Prof. Me. Braz Pereira Alves Neto

Projeto Gráfico e ilustrações: Dan Gonçalves @dangon_designer

Recife, ____ MARÇO DE 2021

DISTRIBUIÇÃO DIGITAL GRATUITA